PLAYBOY

SABE BEM S

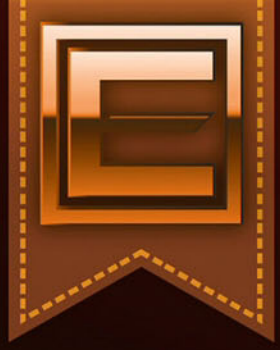
Nº 4 > OUTUP PORTUGAL

FUTRE
PAULO FUTRE

DARIA KOLESNIKOVA + IRYNA IVANOVA + CATHERINE ELIZABETH
LEONEL VIEIRA + SUSANNA TANNI + PAULO AZEVEDO + ANDREIA VALE
INÊS VARELA HAILLOT + RUI SINEL DE CORDES + CLÁUDIA CECÍLIO

Nº 4 > OUTUBRO 2015 € 4,95 (CONT.)
00004
5 601073 002691

CASINO
ESTORIL



M/18

CASINOESTORIL.PT

POKER

EMOÇÕES EM GRANDE

HÁ EDIÇÕES ASSIM...

ILUSTRAÇÃO RICARDO DRUMOND

Marco António dos Reis
DIRECTOR

www.playboy.pt
facebook.com/PlayboyPortugal
vimeo.com/playboyportugalmagazine
instagram.com/playboyportugalmagazine

... edições que queremos muito realizar, e há muito tempo. Neste caso particular, a ideia tem muitos meses (para não dizer anos). Tempo para amadurecer a ideia, tempo para entusiasmar a equipa em torno de uma capa diferente e tempo para conseguir convidar o craque e ídolo de infância: **Paulo Futre**.

E depois operacionalizar tudo, num turbilhão de ideias, em muito pouco tempo. Foi um editorial de capa que envolveu – e assim, de cabeça – cerca de 17 pessoas (a todas muito obrigado!). No final e por entre a quase exaustão, sinto um enorme orgulho no produto final, entre o grande Futre – a nossa primeira capa masculina – e as belíssimas **Daria** (modelo italiana), **Iryna** (Miss Agosto USA) e **Catherine** (Playboy Club).

Mas o orgulho nesta edição não fica por aqui. A Playmate deste mês é a divertida **Inês Varela Haillot**. Ao som de *Let's Get Physical* foi demonstrando a sua excelente forma física. E no caso pode mesmo dizer-se que... foi de patins!

Depois há **Susanna Tanni**, directamente da Finlândia e com uma história de vida impressionante, onde a coragem é a nota dominante. Mãe de 5 (sim, cinco!) a sua beleza e sensualidade deixou-nos de queixo caído. E pode ter a certeza que o seu também irá cair.

Cláudia Cecílio faz uma visita ao mundo do papel, depois de ter sido capa da nossa primeira edição exclusivamente digital. Não resista e deixe-se enfeitiçar pelo seu olhar!

Naturalmente que há muito mais razões para me orgulhar desta edição mas, por agora, termino com o derradeiro motivo de orgulho. É que a Playboy Portugal tem, só no seu facebook (não é o americano) mais de 1.4 milhões de seguidores! São, ao dia do fecho, **1 milhão, 457 mil, 259 pessoas** que gostam da marca Playboy! Somos 11º na lista de Marcas em Portugal e 2º no ranking da Comunicação Social. É obra!

Boa leitura a todos.

PLAYBOY

Nº 4 › MENSAL › OUTUBRO 2015

DIRECTOR
Marco António dos Reis

EDITOR
Hugo Vinagre

ASSISTENTE DE REDACÇÃO
Patrícia Cirne

ARTE
Bruno Mourato

COLABORADORES
Ana Fontinha
Fernando Alvim
Jeremy Liebman
Ken Marcus
Kid Richards
Margarida Rebelo Pinto
Maria Vasconcelos
Paulo Simões
Pedro Santos
Rui Sinel de Cordes
Scott Carney
Ted Cohen

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Director Luís Mesquitela Lima
luis.mesquitela@playboy.pt

João Oliveira
joao.oliveira@playboy.pt

RP/EVENTOS
Diogo Vassalo

ONLINE
FindMore

CONTACTOS
geral@playboy.pt

PROPRIETÁRIO
Black Rabbit

PUBLISHER
Bernardo Coelho

MORADA
Rua Maria Luísa Holstein 15,
Sala 16, 1300-149 Lisboa

TELEFONE
213 622 118

ERC 126686
ISSN 2182-6110
PERIODICIDADE Mensal
IMPRESSÃO Lidergraf - Artes Gráficas, SA
TIRAGEM 20.000
DISTRIBUIÇÃO Urbanos
DEPÓSITO LEGAL 343560/12

PLAYBOY ENTERPRISES, INTERNATIONAL

Hugh M. Hefner **EDITOR-IN-CHIEF**

U.S. PLAYBOY
Scott Flanders **CHIEF EXECUTIVE OFFICER**
David Israel **PRESIDENT, PLAYBOY MEDIA**
Jimmy Jellinek **EDITORIAL DIRECTOR**
Mac Lewis **ART DIRECTOR**
Rebecca Black **PHOTO DIRECTOR**

PLAYBOY INTERNATIONAL PUBLISHING

Mike Violano **SVP/CONTENT LICENSING & RIGHTS**
Mary Nastos **MANAGER OF PUBLISHING SERVICES**
Gabriela Cifuentes **DIGITAL ASSET MANAGER**

Fiat com

EXPO MILANO 2015

OS DETALHES NUNCA SÃO APENAS DETALHES.

NOVO 500. A EVOLUÇÃO DE UM ÍCONE.

NAS PRÓXIMAS 500 HORAS, OFERECEMOS A PERSONALIZAÇÃO DO TEU NOVO 500.
NÃO PERCAS ESTA OFERTA ESPECIAL PARA TERES UM 500 AO TEU ESTILO*.

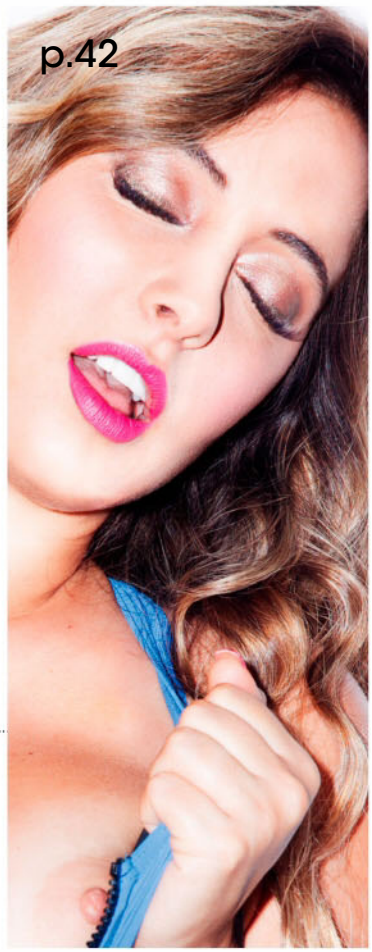
Cada detalhe do novo 500 foi projetado para melhorar a sua originalidade e o seu estilo ainda mais refinado, graças às 6 Second Skin** disponíveis. Hoje o Novo 500 seduz-te com as novas luzes diurnas LED e o novo farol traseiro. Entretém-te com o rádio e navegador de ecrã tátil de 5" Uconnect™. Novo 500, apaixona-te por cada detalhe.

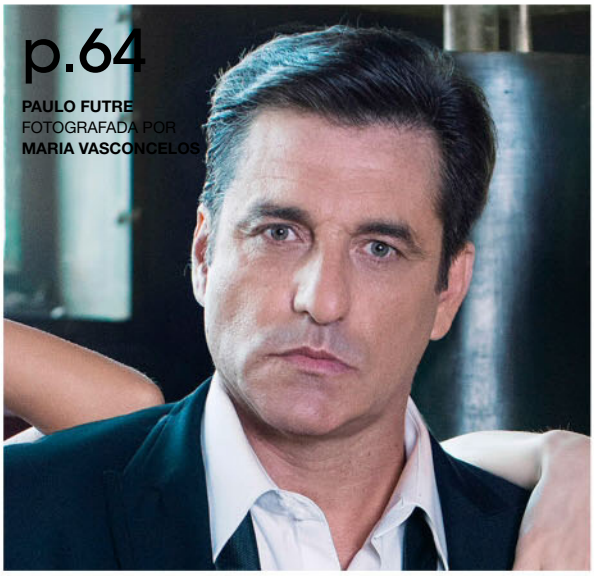
* Oferta válida até 10 de outubro de 2015. Sabe mais em fiat.pt. Consumo ciclo combinado (l/100km): 4,9. Emissões de CO_2 (g/km): 115.

** Segunda pele. 6 padrões diferentes em tamanho pequeno, médio ou grande, para teres um 500 ao teu estilo.

FIAT

www.fiat.pt





DESTAQUES

11 **MUNDO PLAYBOY**
Não é todos os dias que temos uma finlandesa deste nível, só para nós.

42 **PLAYMATE OUTUBRO**
De sorriso fácil, a nossa Miss Outubro vai deixá-lo sem palavras.

58 **PLAYTALK**
No auge do sucesso de *Pátio das Cantigas* entrevistámos Leonel Vieira.

64 **PAULO FUTRE**
Entre três tentações, será que irá ceder para um dos lados.

EMILY BLUNT BENICIO DEL TORO JOSH BROLIN

DO MESMO REALIZADOR DE **RAPTADAS** E **INCENDIES**

SICARIO

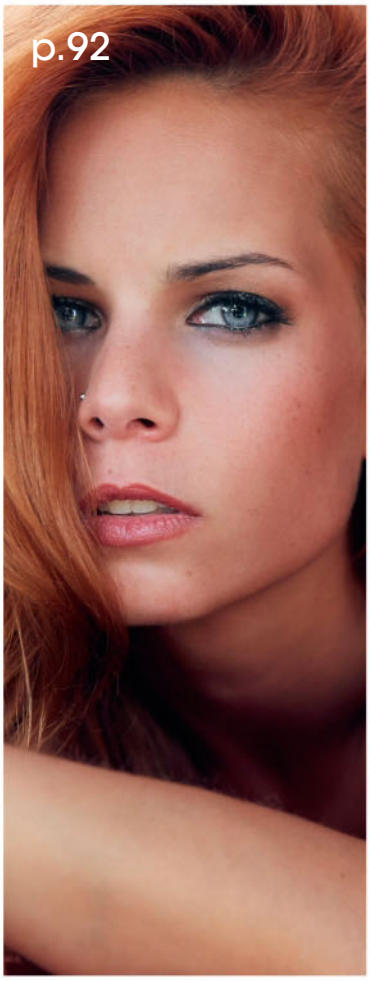
INFILTRADO

A FRONTEIRA É SÓ MAIS UMA LINHA DE PASSAGEM.

15 OUTUBRO NOS CINEMAS

BLACK LABEL MEDIA

LIONSGATE



SUMÁRIO

14 **LESS STRESS MORE SEX**
Margarida Rebelo Pinto recorda o tempo em que as pessoas se tocavam pessoalmente, não ao iPhone.

16 **PLAYLIST**
Divirta-se entre novidades para a sua consola, estreias cinematográficas e locais mágicos para um jantar especial.

32 **20P**
Sem papas na língua e longe de preconceitos, eis a nossa conversa com o actor Paulo Azevedo.

38 **TOP 18**
Fizemos para si — confira se concorda — uma lista de coisas que acabaram... felizmente.

78 **O HOMEM DE GELO**
O homem que desafiou todos os limites, entre frio extremo e falta de ar (voluntária).

86 **CONFESSIONÁRIO**
Fernando Alvim consulou a bela Andreia Vale... e não é que vale mesmo a pena ler.

92 **ESPECIAL DIGITAL**
Depois do extraordinário sucesso na edição digital, oferecemos aos nossos leitores do papel a possibilidade de (re) verem a bela Cláudia Cecílio.

98 **ODIN**
Este mês a ficção está a cargo de Ted Cohen, autor de alguns dos melhores textos (salvo seja) da série *Friends*.

103 **VINTAGE**
Recordamos Janet Quist, captada pela objectiva de Ken Marcus.

www.fitnesshut.pt

-50%
na inscrição inicial

a partir de
5'5€
SEMANA

TORNA-TE O MAIS ROBUSTO

Ginásios Premium a Preços Low-cost

CLUBES DISPONÍVEIS

OEIRAS (novo) · SINTRA (pré-abertura) · CASCAIS · LINDA-A-VELHA · AMOREIRAS · PICOAS · ARCO DO CEGO · ODIVELAS · OLIVAIS · LOURES · SETÚBAL · BRAGA · TRINDADE

FITNESS HUT
move . now .

RACAR

CONSULTORIA AUTOMÓVEL

A RACAR NASCE DA PAIXÃO PELOS AUTOMÓVEIS

Pretendemos que os futuros automóveis dos nossos clientes reflitam aquilo que gostaríamos que fossem os nossos e, para isso, desenvolvemos parcerias a nível europeu com as principais marcas de automóveis do segmento 'premium'.

Na RACAR você ira encontrar uma equipa sempre pronta, mais do que a servi-lo, a ajudá-lo e acompanhá-lo. Ao longo de todo o processo de aconselhamento, busca, seleção, aquisição, preparação e pós-venda automóvel, existirá sempre um elemento especializado e 100% disponível para efetuar uma correta avaliação das suas necessidades.

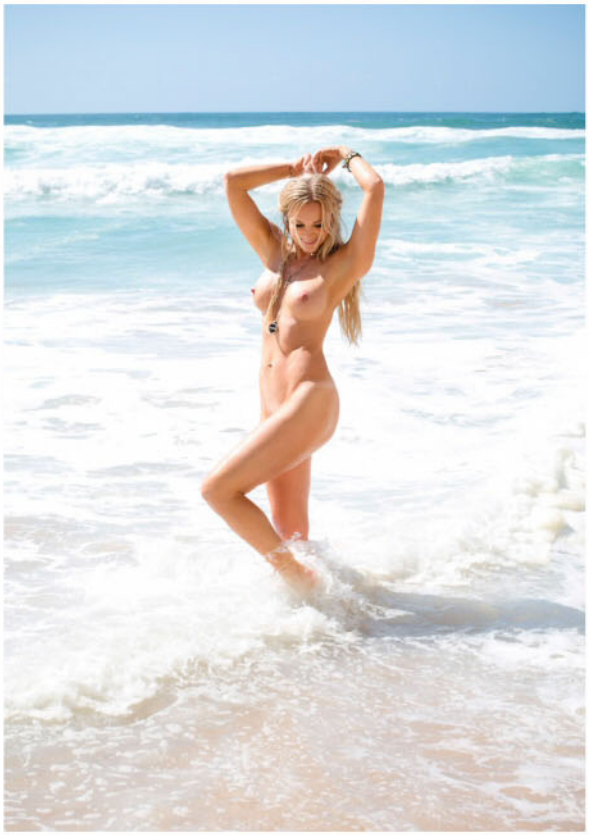
Avenida António Augusto Aguiar
nº30C 1050-016 Lisboa
910 765 230 | 210 964 284

www.racar.pt

MUNDO PLAYBOY

SUSANNA TANNI

NOS ÚLTIMOS DIAS DO VERÃO O INESPERADO ACONTECEU. RECEBEMOS UMA VISITA DE PROVENIÊNCIA SURPREENDENTE, A FINLÂNDIA, TERRA DE PILOTOS DE RALLY E DESTAS BELAS CURVAS.



Susanna

CONCERTOS E OUTRAS AVENTURAS EM PONTO DE REBUÇADO

Margarida Rebelo Pinto

Cada vez que vou a um concerto e vejo as pessoas com o braço no ar a abanar os telemóveis, dá-me a nostalgia do tempo em que fazíamos o mesmo com um isqueiro. Nunca fumei, mas levava sempre um no bolso para os concertos, numa época em que os telefones tinham fios e não vivíamos ligados ao mundo em modo hemodiálise, mais ocupados com partilhar o momento do que em saboreá-lo.

Tenho saudades desses tempos, porque éramos mais livres. Aliás, éramos livres. E tínhamos mais tempo para aqueles de quem gostávamos. Só podíamos comunicar de três formas: por carta, por telefone, ou ao vivo. Combinávamos na próxima quarta-feira na Versalhes às 5 da tarde para lanchar chá com torradas e não pensávamos mais no assunto. Lembro-me de ter 15 anos e de ficar à espera que o meu namoradinho me telefonasse. Tinha-me dito na véspera que me iria ligar antes das 4 da tarde. Às 4 e meia saí de casa, farta de esperar. Ainda ouvi a campainha do telefone a tocar, mas já estava a bater a porta e pensei, que se lixe, agora é tarde. Fui dar uma volta sozinha, não gostava da ideia de ficar à espera e por isso não fiquei. Se ele quisesse, voltaria a ligar-me mais tarde, à hora de jantar. É claro que ligou, a pedir desculpa por se ter atrasado.

Antes da era virtual, o mundo era mesmo um lugar mais fácil para as relações. Estar com alguém significava estar fisicamente. E quando não podíamos encontrar-nos, passávamos horas ao telefone. Ligar ao outro era ligarmo-nos ao outro. A sua voz entrava-nos para o sangue, afeiçoávamo-nos a ela, cultivávamos a arte de conversar e de contar histórias. Nunca esquecerei serões de conversa apaixonada, sentada no chão da dispensa da casa dos meus pais, o lugar mais recôndito da casa. Em cima da minha cabeça, arroz, farinha, pacotes de gelatina em pó e de Pudim Mandarim, embalagens de Ovomaltine, de bolachas de chocolate Bélinhas e de leite em pó Milo Vitaminado. Ao lado, taças de marmelada caseira tapadas com papel vegetal e frascos de geleia. E outros frascos, com palitos La Reine, bolinhos de areia e mais compotas caseiras, feitas com paciência e arte, em casa das minhas avós, onde aprendi o que era o ponto de rebuçado.

"DANÇAR ABRAÇADO ERA UM SONHO TORNADO REALIDADE E, COM OU SEM MÃES A VIGIAR À PORTA, DAVAM-SE OS PRIMEIROS BEIJOS COM LÍNGUA, TÍMIDOS E DESAJEITADOS E DEPOIS LONGOS, CADA VEZ MAIS LONGOS, ÀS VEZES AO SOM DE UM LADO INTEIRO DE UM LP."

O ponto de rebuçado é um ponto de cozedura do açúcar em que, misturado com água, passa do estado sólido a líquido, até alourar. Milhares de grãos fundem-se numa calda que se puxa com a colher de pau como uma teia de aranha. Chega-se a este ponto com paciência e arte, à temperatura a 135 graus. Se não o retiramos da caçarola e a temperatura continuar a subir até aos 155 graus, transforma-se em ponto de caramelo. As conversas telefónicas no recato da dispensa eram como fazer ponto de açúcar, bem como as idas

à Costa à boleia e as intermináveis conversas de café, ou em bancos de jardim. Cinemas e concertos tornavam tudo mais denso, ou, como dizia o anúncio da margarina Vaqueiro, mais saboroso.

Os beijos eram longamente sonhados antes de serem dados. Nas festas de garagem, dançar *slow* era a forma de cortejamento mais emocionante do mundo. Dançar abraçado era um sonho tornado realidade e, com ou sem mães a vigiar à porta, davam-se os primeiros beijos com língua, tímidos e desajeitados e depois longos, cada vez mais longos, às vezes ao som de um lado inteiro de um LP. Se pensarmos que um LP tinha pelo menos 15 minutos de música, éramos uns verdadeiros maratonistas. Era a fase a sair do *Disco Sound* e a entrar na *New Wave*. Anos mais tarde, já nos primeiros anos da universidade, houve uma explosão de betos com sobretudos verdes, os Loadan, contrabalançados com a onda *punk*. As bandas inglesas eram palavra de lei, vestíamo-nos de preto e as miúdas usavam botas da tropa com vestidos da Ana Salazar.

Mas o melhor de tudo era a inexistência dos telemóveis na vida quotidiana. Curtir significava dar beijos, ou, para os mais afoitos, andar na marmelada, até chegar ao ponto de rebuçado. Nos dias de hoje, a maior parte do processo de sedução faz-se à mesma na ponta dos dedos, mas sem tocar no outro. Teclamos de excitação no computador e no iPhone, na ilusão de que estamos a tocar no outro, mas não estamos. E tantas vezes o tempo gasto em conversas virtuais podia ter sido aplicado em encontros reais. Muitas mais vezes do que acreditamos ser possível.

Às vezes imagino que o mundo virtual rebenta e que voltamos a aprender a comunicar ao vivo, na presença do outro. É uma utopia ainda maior do que quando assistíamos, extasiados, às aventuras de Decker, o herói de *Blade Runner*, na sua missão de neutralizar os últimos Replicants, enquanto ironicamente se apaixonava por um ser da mesma fornada, Rachael, a enigmática morena de franja que acreditava ser humana porque possuía um invulgar *input* de memórias.

Com tanta partilha e tanta informação, como se irá processar o armazenamento das nossas memórias no futuro? Tenho quase a certeza que nos vamos lembrar melhor de todos os beijos que demos com paixão do que das conversas virtuais que tivemos, por mais *hot* que tenham sido.

"NOS DIAS DE HOJE, A MAIOR PARTE DO PROCESSO DE SEDUÇÃO FAZ-SE À MESMA NA PONTA DOS DEDOS, MAS SEM TOCAR NO OUTRO. TECLAMOS DE EXCITAÇÃO NO COMPUTADOR E NO IPHONE, NA ILUSÃO DE QUE ESTAMOS A TOCAR NO OUTRO, MAS NÃO ESTAMOS. E TANTAS VEZES O TEMPO GASTO EM CONVERSAS VIRTUAIS PODIA TER SIDO APLICADO EM ENCONTROS REAIS."

PLAYLIST

O melhor do mês em revista

PES 2016

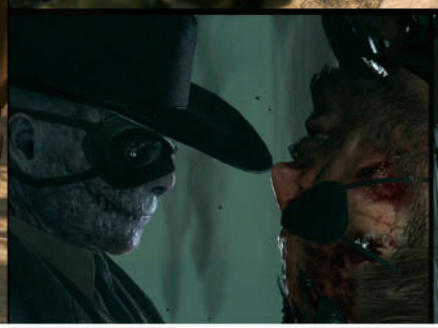
PS4, XBOX ONE, PC, PS3, XBOX 360

Ao terceiro ano com o novo motor de jogo, o Fox Engine que foi criado para dar vida a *Metal Gear Solid V*, o simulador de futebol da Konami atinge finalmente o amadurecimento que se previa, naquela que é a sua melhor versão desde os tempos da PlayStation 2. E por coincidência ou talvez não, tal acontece no 20º aniversário da série. Não quer dizer que não se vá deparar com um problemazito aqui ou ali, mas em campo, onde tudo se decide, encontrou um equilíbrio que o torna divertido, espectacular e real, se tal se pode chamar a uma representação virtual deste desporto. Destaque também para um aperfeiçoamento, há muito esperado, da lendária Master League.

METAL GEAR SOLID V: THE PHANTOM PAIN

PS4, XBOX ONE, PC, PS3, XBOX 360

Ansiado era também o quinto capítulo desta saga, depois do prelúdio oferecido em *Ground Zeroes*. Em relação ao *IV* já passaram sete anos, o que, acrescentado ao estranho processo que levará à saída de Hideo Kojima, o pai da série, da casa-mãe japonesa, faz com que aconteça um alinhamento dos astros e este lançamento, ansiado por milhões de fãs, se torne ainda mais especial. Para quem gosta de *stealth* não há que enganar. Então se apreciar o universo criado por Kojima, dificilmente não concordará que estamos na presença de uma obra-prima, que arranca com Big Boss, agora com a voz de Kiefer Sutherland, a acordar num mundo onde muito mudou, ou não tivesse ele estado nove anos em coma.



MADDEN NFL 16

PS4, XBOX ONE, PS3, XBOX 360

Para quem está virado para uma coisa diferente, este ano é lançado por cá o lendário jogo de futebol americano. E logo numa das melhores versões que teve nos últimos anos, que inclui um útil "Saiba como Jogar Madden", que ensina não só a controlar o jogo como o as posições e o funcionamento do próprio desporto.

INFILTRADO

Com o título original de *Sicario*, marca o regresso aos grandes filmes do realizador Denis Villeneuve, depois do extraordinário *Incendies - A Mulher que Canta* (2010) e do inquietante *Prisoners* (2013). Numa fronteira sem lei, entre o México e os E.U.A., a agente especial do F.B.I. Kate Macer (Emily Blunt), procura de forma quase romântica combater os cartéis responsáveis por toda a violência gerada em torno do narcotráfico local. Inserida numa força de elite liderada por Matt Graver (Josh Brolin), Macer contará com o auxílio do enigmático — e de questionável idoneidade — Alejandro (Benicio Del Toro). Com ele, irá embarcar numa viajem clandestina, sendo forçada a pôr em causa quase todas as suas convicções, em prol da sua própria sobrevivência. Um leque de actores consistente num filme que promete trazer para o grande ecrã um dos temas mais recorrentes deste género nos últimos anos: a escalada de violência na fronteira mexicana.

ESTREIA: 15 DE OUTUBRO

BLACK MASS - JOGO SUJO

Baseado no bestseller de 2001 com o inspirado título *Black Mass: The True Story of an Unholy Alliance Between the FBI and the Irish Mob*, marca o regresso de Johnny Depp a papéis de maior densidade dramática, depois de passagens por filmes como *Mortdecai*, *The Lone Ranger* ou *Dark Shadow* (Piratas à parte, que só regressam em 2017). Em Black Mass, Deep encarna o perigoso mafioso Whitey Bulger na sua luta pelo domínio do sul de Boston, num relato tão violento quanto verídico.

ESTREIA: 8 DE OUTUBRO

LENDAS DO CRIME

Adaptado e realizado por Brian Helgeland (o mesmo que adaptou *LA Confidential* e *Mystic River*), este violento thriller serve como prova de fogo para o actor Tom Hardy (que vimos há bem pouco tempo no novo *Mad Max: Fury Road*). Baseado no romance *The Profession of Violence: The Rise and Fall of the Kray Twins*, apresenta um Hardy com o desafio de interpretar os gémeos Kray (Reggie e Ronnie), irmãos que nos anos 60 espalharam terror e violência por toda a East End de Londres.

ESTREIA: 29 DE OUTUBRO

MINORITY REPORT

Mantém o título do filme que Steven Spielberg realizou em 2002, baseado no conto de Philip K. Dick e promete trazer de volta todo aquele universo futurista. Passados dez anos da aventura cinematográfica que tinha em John Anderton (Tom Cruise) a figura central, a divisão de *precogs* é coisa do passado. Os três irmãos que previam crimes antes destes acontecerem (Dash, Arthur e Agatha) foram separados, passando a luta contra o crime a basear-se em tecnologia.

Mas a verdade é que Dash mantém a sua capacidade de previsão de horríficos crimes intacta e, com a ajuda da detective Lara Veja (Meagan Good), irá procurar evitar que alguns deles aconteçam, ao mesmo tempo que tenta encontrar o seu irmão perdido Arthur, contra a vontade da terceira irmã Agatha. Tudo com muita acção e num cenário futurista capaz de fazer sonhar qualquer amante de ficção científica.

ESTREIA: 8 OUTUBRO, ÀS 22H15, FOX

BROOKLYN NINE-NINE 3

É uma das séries mais divertidas da televisão e está de volta para a sua terceira temporada, ainda que com a sua primeira baixa. Após uma merecida promoção na temporada passada, o capitão Holt sai de cena levando consigo a sua sarcástica secretária Gina Linetti. Duas baixas de peso para a dinâmica da esquadra, onde Jake Peralta (Andy Samberg) é rei e senhor. Ao seu lado mantém-se o fiel Boyle, a distante Rosa, o emocional sargento Terry e a sua parceira (e secreta paixão) Amy Santiago.

ESTREIA: 8 OUTUBRO, ÀS 21H05, TV SERIES

SEGURANÇA NACIONAL 5

Foi uma lufada de ar fresco no panorama televisivo mundial, colocando a nu algumas das maiores fragilidades do sistema de inteligência americano. Chegada à quinta temporada, o foco mantém-se na personagem de Carrie Mathison (magistralmente interpretado por Claire Danes), mas ameaça perder o fulgor inicial. Até porque o mundo está bem diferente e o inimigo também parece agora ser outro. Dois anos volvidos, Carrie abandona o cargo de chefia em Islamabad, ingressando no ramo privado em Berlim.

ESTREIA: 8 OUTUBRO, ÀS 23H10, FOX

THE WALKING DEAD 6

E no mês de Outubro o apocalipse zombie mais popular da televisão entra na sua sexta vida. Adaptada da banda desenhada (ou *graphic novel* para os mais puristas) criada por Kirkman, Moore e Adlard, mantém a peregrinação pela sobrevivência de Rick Grimes e sua *entourage*, enquanto vai adicionando e dizimando outras personagens pelo caminho. E tudo se complica quando os humanos se tornam mais perigosos que os zombies. Um tiro certeiro da AMC que vai quebrando records de audiência a cada ano que passa.

ESTREIA: 12 OUTUBRO, ÀS 22H15, FOX

O AMANTE INGÉNUO E SENTIMENTAL

É um nome incontornável da literatura policial, com especial foco na temática da espionagem. Com apenas 30 anos lançava o seu primeiro romance com o título *Chamada para a Morte*. Dois anos volvidos era aclamado com a sua terceira obra, *O Espião Que Saiu Do Frio*. Pelo caminho e até ao seu mais recente *Uma Verdade Incómoda*, surgiram muitos e bons títulos sendo que, por estes dias, podemos (re)ler *O Amante Ingénuo e Sentimental.*

Editado pela primeira vez em 1971, o romance é reeditado agora pelas mãos da D. Quixote. Aqui, Le Carré mantém o habitual leque de personagens com elevada densidade emocional, numa teia de relações complexas. Mas desta vez o autor britânico foge ao seu habitual policial, enveredando pelo retrato de um triângulo amoroso, a partir de um amante ingénuo e sentimental (Aldo Cassidy) e de um casal libertino composto por um artista louco por festa (Shamus) e a sua sedutora esposa (Helen).

Um testemunho da forma como, todos nós, acabamos por ter (de forma mais ou menos assumida) uma grande atracção pelo abismo da diversidade sentimental e moral.

JOHN LE CARRÉ
PVP: € 19,90
Edição: D. Quixote

SEM FILTRO

CARLOS FERREIRA
PVP: € 14 | Edição: Chiado Editora

O "X" da capa não engana ninguém. Estamos prestes a entrar no universo da pornografia em Portugal. Ao longo de quase 250 páginas, Carlos Ferreira vai desmontando a indústria vista de dentro, da cadeira de director geral da Hotgold. Pelo caminho ficam referências à revista Penthouse e à forma como a Playboy os fazia… suar!

LOG BOOK AVENTURAS SUBAQUÁTICAS

PEDRO TEIXEIRA DE SÁ
PVP: € 14,90 | Edição: Livros D'Hoje

Após oito anos a mergulhar, Pedro Teixeira de Sá decidiu partilhar com os leitores o seu avassalador amor pelo oceano. São descrições únicas de uma vida passada abaixo da linha de água, onde vamos tendo contacto, a cada página, com uma panóplia de formas e de cores, que em muito nos aproximam do divino.

CURSO URGENTE DE POLÍTICA PARA GENTE DECENTE

JUAN CARLOS MONEDERO
PVP: € 15,75 | Edição: Marcador

Mais que uma reflexão sobre os políticos dos nossos dias, esta é uma reflexão sobre a política de hoje, do que ela representa, quem ela quer representar e a forma como o faz. Tudo sob o olhar de Juan Carlos Monedero, professor universitário especialista em ciências políticas e co-fundador do movimento PODEMOS.

PROVA 9 dias
Leia a entrevista em www.playboy.pt

LADRÕES DO TEMPO
1º ASSALTO

Quatro anos após se terem juntado para gravar o tema *Mora na Filosofia*, os Ladrões estão de volta, apenas com uma alteração em relação à formação original, com Dony Bettencourt a substituir Pedro Gonçalves no baixo. De resto mantêm-se Paulo Franco, Samuel Palitos, Tó Trips e Zé Pedro, aos quais o concerto do ano passado no Super Bock Super Rock serviu de aquecimento para este álbum de originais, de puro rock, sem rodeios e com tudo para resultar ao vivo. Pelo sim, pelo não, deixem o álbum em *repeat* e vão aprendendo as músicas.

CHRIS CORNELL
HIGHER TRUTH

Depois dos Audioslave e da reunião com os Soundgarden, o carismático vocalista regressa às aventuras a solo, mais na onda calma do primeiro, *Euphoria Morning*, do que aquela fase *Scream*, que preferimos esquecer.

BRING ME THE HORIZON
THAT'S THE SPIRIT

A cada álbum a banda de Sheffield tem subido sempre mais degraus nos tops e não foi ao quinto capítulo que ocorreu uma excepção. A explicação poderá estar no som que praticam, cada vez menos bruto e mais melódico.

THE HAPPY MESS
HALF FICTION

Provavelmente já terá ouvido o single *The Invisible Boy*, mas não se apercebeu que estava ali uma interessante banda portuguesa, que vale pela música que faz e não por ter a cara de um *pivot* da SIC Notícias como vocalista.

LG G4

PREÇO: € 750 (€ 650 através de operador)

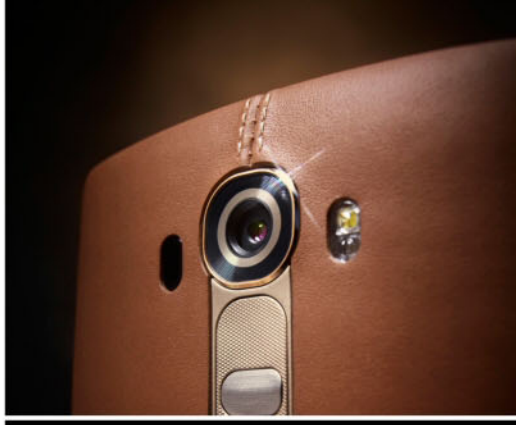
A LG esforçou-se para evoluir do G3 para este G4 e, no final do dia, conseguiu. Mas não muito. Sobretudo porque o G3 já era um *smartphone* impressionante.

Mas se não conhece o legado de "Gs" da marca sul-coreana, então este é um bom modelo para fazer a sua iniciação.

O G4 é o topo de gama da LG e, como tal, apresenta o que de melhor a marca consegue colocar dentro de 5,5 polegadas, com um impressionante *display* de 2560x1440. Mas porque o 4K começa a ser fundamental, os filmes podem ser captados nessa mesma definição (3840x2160), tornando-se o *smartphone* na câmara de filmar da família, para as ocasiões mais especiais. Quanto à captura de fotografias (repleta de configurações manuais como ISO, velocidade de abertura do diafragma, exposição, foco manual), pode ser feita com uma resolução de 16 Megapixels (5312 x 2988), ou nuns mais "modestos" 8, na frontal, também conhecida como *selfie camera*. De resto, as tão populares *selfies* passam a ser captadas com um comando a partir de um simples gesto de mão, dispensando qualquer botão físico.

Para que tudo resulte na perfeição, com o Android 5.1 como Sistema Operativo, temos um processador 6 Core a 1,8 GHZ, com 3 Gb de RAM e 32 Gb de memória (que podem aumentar em 128 Gb, a partir de um cartão Micro SD).

Ou seja, uma máquina extraordinária que eleva (ainda) um pouco mais a fasquia, desde o seu antecessor.



COLUNAS SEM FIOS SRS-X99

PREÇO: € 740

É daquelas pessoas que gosta de ter um bom som na sala mas não tem paciência para passar metros e mais metros de cabos por tudo o que é parede? Possivelmente temos a solução para si. É o topo de gama da Sony para colunas sem fios e, pelo que vimos (ou ouvimos) é absolutamente fantástica.

São sete colunas (entre poderosos *woofers* e delicados *tweeters*), cada uma com um amplificador dedicado, harmonizando graves e agudos de forma a podermos desfrutar de um som de altíssima qualidade. Tudo isto dentro de uma elegante coluna!

Mas há mais! É que não só não necessita de fios (embora os possamos ligar), como permite ser alimentado musicalmente por uma qualquer *playlist*, via *Bluetooth*, *NFC*, *DLNA* ou simplesmente por *Wi-fi*.

Seja através do Google Cast, Spotify ou AirPlay, do seu computador pessoal, smartphone ou tablet, este SRS-X99 está preparado para tocar tudo, com uma excepcional qualidade.

30% DOS UTILIZADORES DO TINDER SÃO CASADOS, ENQUANTO QUE OUTROS 12% ESTÃO APENAS NUMA RELAÇÃO.

OS HOMENS POLÍGAMOS TÊM 4.6 MAIS HIPÓTESES DE SOFRER DE PROBLEMAS NAS ARTÉRIAS CORONÁRIAS.

2.25 MILHÕES

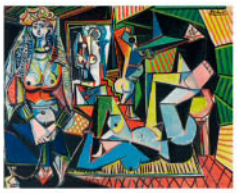
PRÉMIO EM DÓLARES OFERECIDO NUMA **COMPETIÇÃO** DA **NASA** AO MELHOR PROJECTO, **IMPRESSO EM 3D**, DE UM **HABITAT** EM **MARTE**.

36% PERCENTAGEM DE PESSOAS QUE SOFREM DE ENXAQUECAS E SENTIRAM UMA MELHORIA PARCIAL APÓS UMA RELAÇÃO SEXUAL.

1/3 DE TODOS OS PROCESSOS DE DIVÓRCIO NOS EUA CONTÊM REFERÊNCIAS AO FACEBOOK.

21 NÚMERO DE ORGASMOS NECESSÁRIOS MENSALMENTE PARA QUE, DE ACORDO COM UM NOVO ESTUDO, UM HOMEM BAIXE EM UM QUINTO A PROBABILIDADE DE VIR A TER CANCRO DA PRÓSTATA.

160 MILHÕES O VALOR EM EUROS PAGO PELO QUADRO LES FEMMES D'ALGER, DE PICASSO, O QUE CONSTITUI UM NOVO RECORD.



44% DOS HOMENS E 36% DAS MULHERES EXPERIMENTARAM SEXO ANAL PELO MENOS UMA VEZ NA VIDA.

MINI-BAR
O PRAZER DA DESCOBERTA

Já poucos serão aqueles que não conhecem o *chef* José Avillez. De trato fácil e simpatia contagiante, surpreende a cada prato pela sua criatividade com vínculo no legado cultural. Distinguido com duas estrelas Michelin, tem hoje uma oferta vasta na área da restauração.

Pela Playboy e de entre todos, preferimos — e recomendamos — o Mini-Bar. Localizado no Teatro São Luiz, em pleno Chiado, é o seu primeiro bar *gourmet*. Por entre um fantástico Menu de Bebidas, com *cocktails* especiais, para além dos tradicionais vinhos e cerveja artesanal, tudo para acompanhar de forma elegante «sabores surpreendentes, servidos em pequenas porções», conforme nos prometem desde o momento em que nos sentamos à mesa.

De entre todas as iguarias possíveis, recomendamos que embarque no Menu Degustação. Aí entramos numa sucessão surpreendente de pratos, de muitas formas e cores, entre a carne e o peixe, onde é constante a capacidade de nos entusiasmarmos de forma deliciosa.

E todos os diferentes momentos têm uma história, com um serviço personalizado que nos vai descrevendo o que degustamos, num enquadramento cénico.

No final, saímos absolutamente rendidos. Um momento único na cidade de Lisboa!

Aberto de Segunda a Domingo, a partir das 19:00.

BEM BOM

GELADO, CAFÉ E BOURBON FAZEM NASCER A SUA PRÓXIMA BEBIDA PREFERIDA PARA INICIAR A NOITE.

FOTOGRAFIA **MITCHELL FEINBERG**

EXISTEM FORMAS mais eficazes de tomar uma dose de açúcar, cafeína e álcool do que misturar vodka com uma bebida energética. Se ainda não conhece o *affogato*, está a perder a mais agradável combinação de temperaturas, sabores e estimulantes naturais conhecida pelo homem. Habitualmente é feito com uma dose de café e uma bola de gelado de baunilha, mas nós temos um *upgrade*, feito com classe.

Tal como todas as receitas que envolvem poucos ingredientes, o segredo está nos detalhes, por isso use os melhores que encontrar. Entre as marcas que encontrará no supermercado, os gelados da Häagen-Dazs são os que têm menos ingredientes e a percentagem mais alta de gemas de ovos, o que torna o sabor mais rico e puro. Caso tenha essa possibilidade, opte por moer você mesmo os grãos de café. E não poupe no bourbon, use um a sério, como o Woodford Reserve. Claro que pode fazer tudo a gosto, mas a ideia é juntar uma ou duas bolas de gelado, 0,45 dl de bourbon e o tal café curto, acabado de moer. Depois é só servir imediatamente.

16 SEXTA

JE SUIS CORDES

Enquanto finaliza o segundo livro e o sexto projecto com a SIC Radical, Rui Sinel de Cordes arranjou espaço na agenda para presentear os seus admiradores com um espectáculo no Coliseu dos Recreios, o quarto a solo, depois de *Black Label*, *Punchliner* e *Isto era para ser com o Sassetti*. É aproveitar enquanto há cadeiras vagas.

11 DOMINGO

DAVE MATTHEWS BAND

Neste regresso aos palcos, a banda do Dave tem dividido as actuações em dois *sets*, como se fizesse a abertura do seu próprio concerto: começa em acústico e segue para eléctrico. Seis anos depois estão de regresso a Portugal e como a digressão europeia arranca em Lisboa, só mesmo indo lá para descobrir se a estratégia se mantém.

23 SEXTA

ADORAMOS A NOSSA GASTRONOMIA...

Ao longo de três meses, cerca de 1200 restaurantes de todo o país apresentaram as suas versões de pratos típicos de cada região. Agora, durante três dias, os 14 finalistas escolhidos pelo público e pelo Chef Alexandre Silva, do Entrecosto com Migas, de Évora, ao Filete de Espada, da Madeira, vão estar à prova de todos os que se deslocarem à Meo Arena.

30 SEXTA

THERAPY SESSIONS: HALLOWEEN

O Hard Club está pronto para receber aqueles que na cidade do Porto estejam dispostos a celebrar a noite das bruxas mais cedo. Esta sessão de *drum and bass* é o destino de actuações vindas do Reino Unido, Polónia, Estados Unidos, Rússia, além de uma forte armada nacional. Na noite seguinte a festa segue até Lisboa, em local a designar.

"A MELHOR COMÉDIA DO ANO"

theguardian

"HILARIANTE"

VANITY FAIR. The Hollywood Reporter Billboard Indiewire filmcomment

O QUE FAZEMOS NAS SOMBRAS

UNISON FILMS DEFENDER FILMS e THE NEW ZEALAND DOCUMENTARY BOARD em associação com THE NEW ZEALAND FILM COMMISSION
apresenta uma produção SHADOWS PRODUCTION "WHAT WE DO IN THE SHADOWS" JEMAINE CLEMENT TAIKA WAITITI JONATHAN BRUGH
CORI GONZALEZ-MACUER STU RUTHERFORD casting TINA CLEARY design de produção RA VINCENT
cinematografia de DJ STIPSEN / RICHARD BLUCK música PLAN 9 montagem JONNO WOODFORD-ROBINSON
produção TAIKA WAITITI CHELSEA WINSTANLEY EMANUEL MICHAEL argumento e realização JEMAINE CLEMENT & TAIKA WAITITI

TWO CANDLES PICTURES DEFENDER FILMS UNISON NZ FILM COMMISSION VENDETTA elle driver

OUTUBRO NOS CINEMAS

JUKE NISMO RS

NISSAN... E JÁ LÁ VÃO 30 PRIMAVERAS.

NISSAN JUKE NISMO RS	
MOTOR	GASOLINA 1.618 CM^3
POTÊNCIA	214 CV
VEL. MÁX.	200 KM/H
0-100 KM/H	8,0 S
CONSUMO	7,4 L/100
PREÇO BASE	€ 35 280

"Pai, dá para andar naquele carro"? Esta é a frase chave que define o JUKE. Com um conjunto de opções estéticas originais, como o grupo de ópticas frontal, não há quem lhe fique indiferente: ou se detesta, ou se adora. E nós acabámos o nosso ensaio com vontade de ter um!

Mas vamos por partes. Primeiro, há que dar os parabéns à NISMO… são 30 primaveras a tornar os modelos da NISSAN ainda mais musculados, entre monstros da estrada como o 370Z e o GT-R. E à boleia das festividades aqui está o JUKE, em diferente. O *design* exterior continua desconcertante (se não ficou ainda mais), fazendo dele um mini-SUV único. O interior está ainda mais divertido (ou confuso). A consola central encerra um original sistema em que os mesmos botões se transformam, à medida que vamos alterando a configuração geral. Os bancos em *baquet* RECARO e o volante (apenas regulável em altura) desportivo num misto de pele e alcântara, transportando-nos de imediato para o ambiente de competição.

Não sendo um super desportivo, o NISMO RS apresenta um comportamento que entusiasma qualquer um, e sempre com um conforto admirável.

MINI JCW 2.0 231CV

RÁPIDO E AGRESSIVO.

Apaixonante! É a primeira palavra que nos ocorre, quando falamos deste Mini. São 231 cavalos num motor de 4 cilindros, assistido por uma transmissão automática desportiva Steptronic que o parece fazer voar. Aliás, voar é a palavra certa quando falamos de um automóvel de apenas 1200 quilos. Tudo conflui para uma performance agressiva — especialmente no modo Sport — com o prazer de acelerar e travar a fundo num veículo pequeno, ágil e divertido. Com a impressão digital da John Cooper Works, fundada por Michael Cooper, o filho de John, não é só o exterior que transpira agressividade desportiva. Também o seu interior está projectado para quem aprecia a condução no limite.

MINI JCW 2.0 231CV

MOTOR	GASOLINA 1.998 CM^3
POTÊNCIA	231 CV
VEL. MÁX.	246 KM/H
0-100 KM/H	6,1 S
CONSUMO	6,7 L/100
PREÇO	€ 47 074

De resto, não falta nada para o condutor mais comedido, entre um conglomerado de informação na consola central, manómetros capazes de produzir a informação mais essencial e um *head-up-display* que nos vai acompanhando com a informação mais básica. E quando não queremos ouvir o "roncar" do motor, temos sempre o conjunto da Harman Kardon para nos dar outras músicas.

Em suma, este é um MINI absolutamente apaixonante e nem uma mala de 200 litros ou um depósito para combustível com 44 litros nos faz gostar menos dele.

BMW M135i 326CV

DE PEQUENO SÓ MESMO O TAMANHO.

BMW M135i 326CV	
MOTOR	GASOLINA 2979 CM3
POTÊNCIA	326 CV
VEL. MÁX.	250 KM/H
0-100 KM/H	4,9 S
CONSUMO	8,0 L/100
PREÇO	€ 71 099

Se há carros que não se podem medir aos palmos, este é um excelente exemplo disso. Com o "M" levemente presente num exterior sóbrio e elegante, é no interior que reside o coração desta autêntica "bomba". O motor de 6 cilindros com mais de 300 cavalos é assustadoramente brutal, deixando-nos colados aos bancos desportivos em pele, a cada aceleração mais pronunciada. Aos comandos deste M135i confundimos o desportivo com um conforto que teima em roçar o luxo. E tudo no seu interior parece assumir esse compromisso.

A posição de condução é extraordinária, num compromisso entre bancos electricamente reguláveis (até os apoios laterais), e um volante que combina o essencial das regulações do computador de bordo e a eficiência na condução de uma direcção assistida (e progressiva). As luzes que banham os manómetros em tons avermelhados deixam clara a sua natureza, colocando à vista apenas e só a informação mais essencial. A menos essencial fica ancorada no LCD central de 8.8 polegadas (*widescreen*), equipado com iDrive e onde podemos consultar desde os clássicos menus (Media, Telefone ou Navegação) até manómetros complementares desportivos (Potência e Binário).

No fim do dia, temos um automóvel com um coração arrebatador, uma eficácia assustadora e um *look* que nos deixa passar despercebidos sempre que necessário… até carregarmos no acelerador.

VIN DIESEL
O ÚLTIMO
CAÇADOR DE BRUXAS
VIVE ETERNAMENTE
29 OUTUBRO NOS CINEMAS
#LastWitchHunter TheLastWitchHunter.com #AxeAndCross

EXPLORE
Underwater

TEXTO HUGO VINAGRE FOTOGRAFIA BERNARDO COELHO

PAULO AZEVEDO

20 PERGUNTAS

VENCEU A SEGUNDA EDIÇÃO DO *SPLASH!*, MAS NÃO FALÁMOS SOBRE MERGULHOS. SÓ TEMOS VINTE PERGUNTAS E O PAULO TEM TANTO PARA CONTAR QUE NÃO NOS PODEMOS DAR AO LUXO DE METER ÁGUA.

01 A primeira vez que apareceste na TV foi numa reportagem sobre futebol. É uma paixão de infância?

Foi na SportTV, chamava-se *O melhor jogador do mundo*. O meu pai foi jogador de futebol e cresci naquele mundo, se calhar se tivesse outra sorte de ter nascido com pernas, tinha seguido essa área… Agora é um *hobby*, a representação é que se tornou uma paixão.

02 À partida seria impensável jogares futebol, estás constantemente a testar limites?

Sim, até nas pequenas coisas, subir umas escadas para as pessoas ditas "normais" é algo banal, para mim por vezes são grandes vitórias, então aí também estou a testar os meus limites.

03 E dá-te gozo conseguir completar todas essas tarefas que para os outros são banais, como fazer a barba?

Dá, porque antes falhei algumas vezes e o que me dá gozo é depois conseguir fazer, torno-me muito mais forte. Foi assim desde pequenino, comecei a falhar muitas vezes, até que uma só vitória superava esses dez falhanços.

04 Há alguma coisa que consegues fazer mas não gostas?

Não gosto muito de cozinhar, de ir às compras, mas tenho que ir. Sou preguiçoso em algumas coisas. Olha, não gosto muito de fazer a barba, só faço quando tenho mesmo necessidade. Não gosto muito de andar a pé e tenho que andar, sei lá, tanta coisa.

05 Atendes o telemóvel, envias mensagens escritas, à distância quem não te conhecer nem imagina que estás a superar um desafio. Adaptas-te facilmente?

Sabes que como cresci assim, aprendi a fazer as coisas. Agora se me pusesses mãos de repente é que entraria num mundo completamente estranho. Fui aprendendo naturalmente, a observar as outras pessoas e tentar fazer à minha maneira. Seria diferente se tivesse um acidente e ficasse limitado, eu sempre me vi assim, para mim é perfeitamente normal. Tenho um bocadinho mais de sensibilidade, o corpo adaptou-se às limitações.

06 Tiraste a carta logo à primeira?

Tirei, demorei um mês e meio. Gosto de ouvir as pessoas dizer que não vou ser capaz. Não só para mim especificamente, por vezes quando as pessoas vêem que algo é difícil dizem que não, que é impossível mas não deixam a outra pessoa tentar e isso a nível profissional acontece-me muito. Na carta foi assim, diziam "não consegues tirar a carta, é impossível". E eu dizia "pelo menos vou tentar, vou lá ver". Passei a burocracia, testes psicotécnicos e tudo, depois na prática em si foi fácil, já tenho carta há dez anos.

07 Por vezes ficas na dúvida se te estão a dar algo por mérito ou por pena?

Para a primeira personagem fiz três castings até ser escolhido, por isso acho que não foi dado por pena. Mas antes da reportagem *Uma Vida Normal*, da SIC, olhavam para mim com pena, cresci a ouvir dizer que mais valia não ter nascido. Os media têm a capacidade de mudar mentalidades, ainda mais num país tão pequeno. Passou num domingo e no dia seguinte as pessoas olhavam para mim e diziam "epá, é aquele rapaz que consegue fazer tudo". Passou de pena a admiração num dia, a reportagem foi vista por 2 milhões e qualquer coisa e isso mudou logo, por isso acho que já não olham para mim com esse sentimento.

08 Em alguma fase te sentiste revoltado?

Claro, houve alturas em que pensei que não teria sequer uma namorada, quanto mais uma família como tenho agora. O primeiro choque foi perceber em pequenino que não podia ser jogador de futebol. O meu maior receio foi a representação, comecei com 6 anos no teatro, foi algo que quase nasceu comigo. Estive muito

"GOSTAVA DE FAZER O *NASCIDO A 4 DE JULHO*, MAS EU COM AS PRÓTESES, O TOM CRUISE FEZ DE CADEIRA DE RODAS. AO LONGO DA NOSSA VIDA SENTIMOS MUITA REVOLTA, NÃO FUI SÓ OS SORRISOS QUE VÊS. AGORA SOU."

tempo com essa vontade, com esse sentimento guardado com medo da rejeição, porque era a rejeição da minha vida. Tive rejeições, mas coisas banais, que superava com o apoio da família ou dos amigos, e a representação só tentei mais tarde, com 26 ou 27 anos, porque a televisão ainda é um mundo um bocado preconceituoso, prevalece mais o bonito que o talentoso e eu tinha um bocado de receio que me dissessem que não. Fui estudar, conhecer o mercado, fui preparar-me, tive *workshops*, cursos, para tentar chegar lá e valer pelo talento e formação, não cair de pára-quedas, sem estar preparado.

09 Já cometeste excessos?
Claro, como todos. Fui rebelde, estive suspenso na escola, tentei sempre usufruir ao máximo da vida e que fosse perfeitamente normal, então houve excessos, claro que sim, um beber de copos, fumar, sair à noite, faz parte da aprendizagem. Bati várias vezes com a cabeça, cometi erros, só assim é que aprendemos.

10 Quando sonhas, és como na realidade?
Sim, sonho totalmente como sou. Falo disso no meu livro, é engraçado, podia sonhar que tinha pernas e que corria ou voava, mas não. Às vezes sonho que estou a correr sem as pernas, como faço no dia-a-dia, vou a correr não sei para onde. É engraçado, talvez seja por nunca me ter visto de outra maneira.

11 O que é que te levou a abandonar o curso de jornalismo?
Não gostei. Fui um bocadinho pressionado pela família para ir para a universidade, como é hábito, temos que ter um curso universitário, mas não era aquilo que eu queria. E não podia aguentar mais, porque o tempo ia passando e as oportunidades iam fugindo. Trabalhava no escritório de uma empresa de camiões, porque o curso era pago e eu e a minha família não tínhamos dinheiro. Despedi-me, virei-me para o meu patrão e disse-lhe "olha, vou ser actor". E ele "não, os actores passam fome, se fores embora já não te dou mais trabalho". Depois fiz a primeira novela e mandei-lhe o meu livro de oferta. Ele ligou-me e disse "conseguiste".

12 Quando dizes o nome ao telefone, já te confundiram com o filho do Belmiro?
Não, mas era fixe, pelo menos na carteira. É engraçado, se fores ao Google aparecemos os dois nas fotografias, é giro.

13 Qual foi o papel que gostaste mais de fazer?
Todos foram especiais, mas o primeiro foi o concretizar de um sonho. Antes tive vários personagens em teatro, fiz teatro a vida toda, mas o Raimundo, na primeira novela, foi muito especial, era uma das personagens principais da novela. Depois tive a personagem do filme *Nirvana*, que era completamente alucinada, um psico-

pata, onde eu aparecia também sem as próteses. Fugiu muito à minha realidade, isso é bom, foi o primeiro vilão que fiz, deu mais gozo, foi um desafio maior e pude puxar mais por mim.

14 Se pudesses mandar fazer um *remake* de qualquer filme, qual era o papel que gostavas de fazer?

Olha, gostava de fazer o *Nascido a 4 de Julho*, mas eu com as próteses, o Tom Cruise fez de cadeira de rodas. Ao longo da nossa vida sentimos muita revolta, não fui só os sorrisos que vês. Agora sou. Passei por aquilo que ele passou, e se calhar se fizesse esse *remake* ganhava um Óscar, ou no cinema português um Globo de Ouro. Nunca tinha pensado nisso, mas era giro.

15 E aqui, estás a representar um papel ou és só o Paulo?

Sou eu. Não represento no dia-a-dia, sou como sou. Muitas vezes nas personagens também, meto um bocadinho de mim, acho que a personagem tem que ter o teu cunho pessoal.

16 O teu palminho de cara na adolescência fazia sucesso entre as mulheres?

Acho que nem era o palminho de cara, era mais o humor que usava. Dizia que vinha de Marte, ou que tinha unhas encravadas, ou pisavas-me e queixava-me. A professora "querem falar, põem o dedo no ar" e eu "olhe, desculpe, mas está-me a excluir?". Demonstrava um bocadinho que era bem resolvido comigo próprio, e sempre fui, foi a minha família que me incutiu esse espírito. Sabia que era diferente mas não era sinónimo de ser inferior. Todos somos diferentes. Olha, como dizia o Nuno Santos, quando era diretor da RTP, eu contava-lhe que gostava de trabalhar mais, mas as pessoas esquecem-se de mim. E ele "não, de ti não se esquecem de certeza". É uma característica boa, no meio da infelicidade.

17 Foi complicado despires-te pela primeira vez à frente de uma mulher?

Não, porque gosto muito de mim como sou. Gosto do meu corpo. Às vezes as pessoas com problemas ou deficiências recorrem a mim e a pessoas como eu, que têm limitações e demonstram ultrapassá-las. Digo a toda a gente que, tenhas limitações ou não, o primeiro passo é gostares de ti como és, se te sentires bem contigo próprio e no teu corpo, tens auto-confiança e isso cativa as pessoas, a energia positiva. Não é ser egocêntrico, se me sentisse mal no meu corpo era muito complicado viver nesta situação, era infeliz, entrava em depressões, suicidava-me… Mesmo isso era complicado, porque não tenho pulsos para cortar, também não consigo dar o nó na corda… Estou a brincar. Não te vou mentir, pensei muitas vezes "como é que eu me vou despir à frente de alguém?". Se calhar ao longo da vida também tive sorte por as pessoas que estiveram comigo terem uma mentalidade mais aberta e aceitarem-me como sou. Mas tive ex-namoradas que pensaram que eu não tinha sequer um órgão sexual, o que é legítimo. Se te aceitares, quem tiver de gostar de ti gosta, quem não tiver que se foda.

18 Conseguiste recentemente levantar 100 quilos. Qual é a próxima meta?

Foi lá no ginásio. Já percebi que não é a levantar muito peso que um gajo vai ao sítio, é com uma boa alimentação. A próxima meta é ser totalmente independente, é uma meta a longo prazo. Claro que não te vou esconder que quero trabalhar, na minha área ou noutra, desde que consiga sustentar o meu filho e a minha família. Mas é ser independente em cima das minhas próteses. Conseguir fazer a minha vida normal, se estiver bem luto pelo resto, trabalho procura-se.

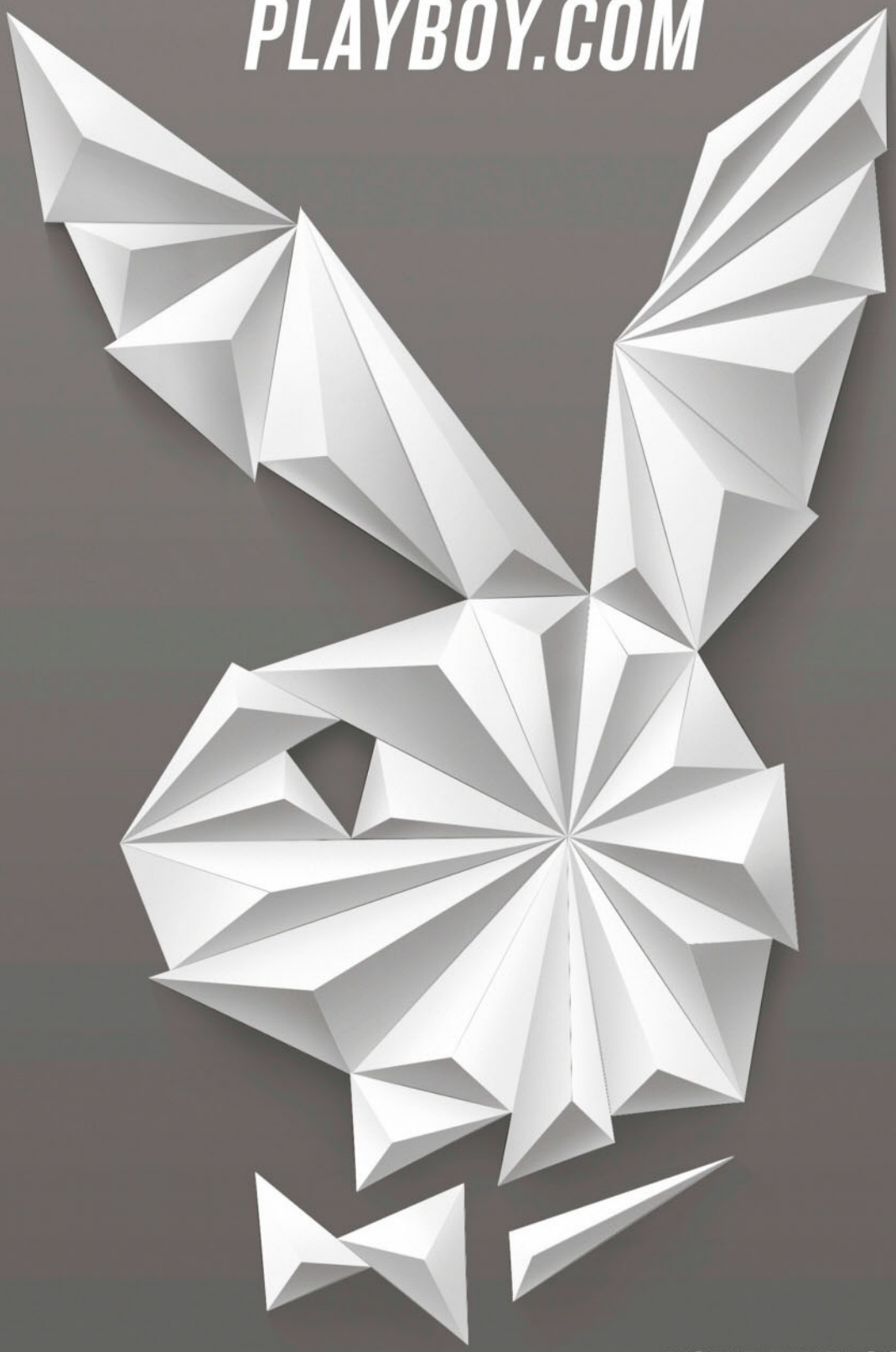
19 Já escreveste um livro, tiveste recentemente um filho e provavelmente já plantaste árvores. Sentes-te realizado?

Sinto, porque sou feliz. Ainda me faltam fazer muitas coisas a nível profissional, mas a nível pessoal sim. Podia-me calhar o Euro Milhões, ou ser filho do Belmiro de Azevedo, mas sou feliz como sou.

20 Tens algum sonho por cumprir?

O meu avô é o homem da minha vida e ainda não olha para a minha profissão com muito bons olhos, porque é instável. Se um dia receber um prémio por uma personagem que fiz, é para ele totalmente. E aí, às pessoas que me viam ao colo da minha mãe e diziam "coitadinho, mais valia não ter nascido", direi "se calhar valeu".

CHECK OUT THE NEW
PLAYBOY.COM



YOU'RE WELCOME.

PLAYBOY ROUGH BY KID

AGNA ORIANA

Vive em Cascais, é modelo e gosta de se divertir à noite, com os amigos. Mas tem muitos, pelo que não gosta de se prender a um só grupo. Natural e espontânea, seduz qualquer um por quem passa. Da próxima vez que for sair à noite em Lisboa, preste mais atenção… pode ser que a encontre!

Fotografia analógica sem recurso a tratamento de imagem

PLAYTIME
Hedonismo sem preconceitos

TOP 18
COISAS QUE ACABARAM...
...FELIZMENTE

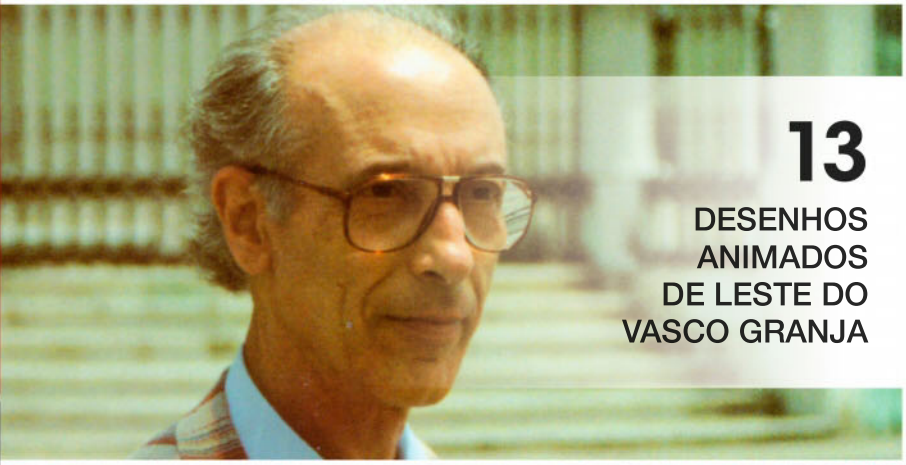
MUITAS VEZES DEPARAMOS CONNOSCO NUM EXERCÍCIO DE SAUDOSISMO, A RECORDAR OS BONS-VELHOS TEMPOS EM QUE MUITO ERA DIFERENTE. NÃO SERÁ O CASO AGORA. ESTE É O TOP DAS COISAS QUE, FELIZMENTE, ACABARAM.

18 CADEADOS DE TELEFONE

17 HINO NACIONAL NO FINAL DA EMISSÃO DA RTP

16 AS ANEDOTAS DO ANTÓNIO SALA

15 CUBO MÁGICO OU DE RUBIK



13 DESENHOS ANIMADOS DE LESTE DO VASCO GRANJA

10 OS CARACÓIS DO MARCO PAULO

09 CAPACIDADE GRÁFICA DO ZX SPECTRUM

14 GABRIEL ALVES A COMENTAR FUTEBOL

12 70 X 7 DO ENGENHEIRO SOUSA VELOSO

11 TELEVISÃO COM ANTENA INTERIOR

08 FITA NO CABELO

07 CRISTAS PUNK ÀS CORES

06 CASSETES DE FITA

05 CIGARRINHOS DE CHOCOLATE

04 CASACOS COM CHUMAÇOS

03 TER QUE IR A MADRID PARA VER UM CONCERTO INTERNACIONAL

02 MODEM A 28 KBIT/S

01 ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU

. FESTIVAL .

termómetro

= XXI EDIÇÃO =

INSCRIÇÕES até 20 de NOVEMBRO

festivaltermometro@gmail.com

FOTOGRAFIA **PEDRO SANTOS**

SOZINHA EM CASA

SE HOUVESSE MISS SIMPATIA NA PLAYBOY, A INÊS VARELA HAILLOT IA SEGURAMENTE GANHAR A COMPETIÇÃO E DE FORMA MUITO DESTACADA. COMO NÃO HÁ, FICAMO-NOS PELAS FANTÁSTICAS FOTOS QUE LHE TIRÁMOS, ENTRE UM E OUTRO EXERCÍCIO.

en.freemags.cc

PLAYMATE
OUTUBRO 2015

STYLING **ANA FONTINHA**
CABELOS E MAQUILHAGEM **RAQUEL BATALHA**

NOME: Inês Sofia de Brito Apolónia Frias Varela Haillot

IDADE: 28 anos

CIDADE: Lisboa

BUSTO: 95

CINTURA: 70

ANCA: 84

ALTURA: 1.64

QUAL O TEU MAIOR DEFEITO?

Sou super teimosa.

O QUE TE EXCITA NUM HOMEM?

A maneira de me fazer rir, os olhos e as mãos.

O QUE TE DEIXA TRISTE?

A falta de sensibilidade da raça humana.

COMO É UM DIA PERFEITO?

Passado com amigos a rir até cair para o lado.

A TUA MAIOR QUALIDADE?

Genuína e muito divertida.

UM ÍDOLO?

A minha sogra e o Robin Williams.

TEXTO **HUGO VINAGRE**
FOTOGRAFIA **BERNARDO COELHO**

LEONEL VIEIRA

O *PÁTIO DAS CANTIGAS* É O FILME PORTUGUÊS MAIS VISTO DE SEMPRE E *O LEÃO DA ESTRELA*, SEGUNDA PARTE DA TRILOGIA QUE SE IRÁ CONCLUIR COM *A CANÇÃO DE LISBOA*, ESTÁ AO VIRAR DA ESQUINA. NÃO VÁ O DIABO TECÊ-LAS, FALÁMOS JÁ COM O REALIZADOR, ANTES QUE ELE PENSASSE NUMA REFORMA DOURADA.

Já não estreavas um filme há oito anos. Por opção?
Exactamente, foi em 2007, fiz o *Arte de Roubar*, já passou esse tempo todo. Estive quatro anos sem filmar, decidi parar. Quis pôr a ficção quieta um tempo para pensar o que ia fazer a seguir, porque estava um bocadinho desmoralizado. O *Arte de Roubar* é um projecto em que tinha gostado muito do guião, e tinha muita esperança no filme. Correu mal nas bilheteiras e então disse "bom, tenho de repensar o que é que ando aqui a fazer". Fiz muita publicidade nestes anos, foi um laboratório muito bom para mim, exercitas a câmara constantemente e com exigências que muitas vezes para o cinema não são necessárias. Aprendes a tratá-la por tu e isso foi o lado bom deste meu período sem fazer ficção. Também foi um pouco para ajudar a passar a crise, porque faltou dinheiro para se produzir cinema e televisão, e então dediquei-me e fortaleci a área da publicidade. Entretanto estive a preparar os projectos com os quais queria regressar, e aproveitei para produzir co-produções internacionais grandes, que me ajudaram a abrir portas no exterior e isso foi bom porque ajudou a reorganizar a produtora.

O *Arte de Roubar* foi logo pensado com aquela dimensão internacional ou simplesmente cresceu?
Era um projecto ambicioso, por isso é que o guionista principal era português, o João Quadros e depois juntei um espanhol, muito conhecido também, porque era um projecto que desde o início foi acarinhado pela Warner espanhola e por outras empresas. Achava que me podia lançar no mercado hispânico, só que os investimentos acabaram por não ser tão grandes como esperávamos e não deu para ter os actores espanhóis que queríamos, estrelas. Então, num golpe de asa, decidi fazer o filme em inglês, primeiro era para ser rodado em Espanha e com protagonistas espanhóis e portugueses. Depois mudei porque era uma história que tinha muito a ver com o universo que o Tarantino e os irmãos Coen têm e achei que o mercado internacional aceitaria bem esse filme, então dizia "vamos rodar em inglês, que lhe permite viajar melhor". Acho que não estava errado o que pensei, mas não foi da forma correcta, fiz com actores portugueses a filmar em inglês, uma coisa que não volto a fazer. Devia ter feito um *casting* internacional em Nova Iorque ou em Londres a actores americanos ou ingleses, mesmo que não fossem famosos.

Porque têm outra naturalidade?
Não funciona. O público aceita que os americanos façam um filme sobre a II Guerra Mundial e os alemães falem inglês, mas não aceita que um produtor português faça um filme sobre uma realidade qualquer e a transforme em inglês. A razão não sei, mas não aceitam. Tinha um bom orçamento, devia ter feito o filme falado em português, ponto. Acho que tinha funcionado bem no mercado português e teria uma identidade mais forte, mas foi uma decisão em cima da hora e essas não são muito acertadas.

Ficou muito diferente de *A Sombra dos Abutres*, a tua primeira obra, em 1998.
Completamente, mas tem lá qualquer coisa, dessas histórias simples, pequenas. Como era o meu primeiro filme e era muito espontâneo, saiu-me com aquele lado drama e talvez por isso o filme foi tão elogiado pela crítica, mas não tem a realização que gostaria de ter feito, logo porque era o meu primeiro filme e também não tinha orçamento que queria, foi feito com muitas dificuldades, como pude. Também não sabia tanto como sei hoje. O *Arte de Roubar* estava num universo que de facto adoro, mas não tinha coragem de fazer cá, porque era difícil encontrar financiamentos para esse tipo de histórias, e foi basicamente por isso que não surgiu antes. E porque depois de *A sombra dos Abutres*, todos os filmes que fiz não foram escolhas minhas, mas sim produtores que me procuraram

HASSELBLAD
Carl Zeiss
Planar
1:2,8
f=80mm

"TÍNHAMOS DUAS GRANDES CIDADES NO PAÍS, LISBOA E PORTO MAS QUANDO EU COM 17 ANOS VOU PARA O PORTO, A CIDADE SÓ TINHA 13 SALAS DE CINEMA. ZAMORA, A 20 MINUTOS DE MIRANDA DO DOURO, TINHA 10 EM CENTROS COMERCIAIS, SALAS BOAS. PARA TERMOS NOÇÃO É A CIDADE MAIS PEQUENA DE ESPANHA."

e me propuseram guiões que queriam produzir, foram projectos de encomenda. Num país onde os realizadores quase não filmavam, ou filmavam a cada cinco ou sete anos, tive a sorte de fazer um projecto por cada ano. E eu gostava de filmar, fiz o meu primeiro filme com 25/26 anos, e como miúdo que era olhava com outra descontração para isto tudo.

Mas não voltaste a assinar um argumento por falta de tempo, porque não gostas, ou reconheces mais talento a outros nessa área?

Descobri o que era a estrutura de produção no nosso país, comecei a entender bastante dessa área e percebi que o que queria era muito difícil de se fazer aqui, então abandonei esse caminho de *A Sombra dos Abutres*. Há um caminho que tem de se percorrer, que é criar estrutura, para isso é preciso dinheiro, máquina, parceiros. Quando começo a produzir, a primeira estreia é o *Filme da Treta*, que foi um êxito tremendo, aí mostra claramente o que é que queria fazer. Pensei "vou montar uma estrutura de produção de comédias e com isso vou criar uma estrutura forte de produção. Depois de a criar, aí tenho mais condições e facilidade de produzir o que me apetecer".

E a partir daí tens produzido bastante, como recentemente a série *Os Filhos do Rock*. Dá muito trabalho?

Dá, é a mesma coisa que realizar, só não vais depois às filmagens, poupas esses dias. De resto, o antes e o depois dá-te o mesmo trabalho. Normalmente dá mais antes, tens duas fases, financiamento e pré-produção, é aí que o produtor é muito importante. Gosto muito disso, de desenvolver projectos, pensar numa ideia, encontrar a escrita, financiamento, estrutura, elenco, equipa. Isso está muito próximo da realização, o que o realizador faz é viabilizar uma ideia, materializa a escrita. Um produtor faz a mesma coisa, simplesmente não tem que decidir quais são os planos, mas o processo toca-se.

Já tinhas assinado outra série que ficou na memória colectiva, *Ballet Rose*. Foi fácil aceitar esse projecto?

Era a mesma coisa, era muito doido, com 20 e tal anos fazia tudo o que me apetecia. O que achava na altura era "isto é daqueles projectos que muita gente não quer que se faça, por isso vou fazer". Era um projecto polémico, mexia com um tema daqueles que incomodam, sinto-me atraído por isso, não gosto que me digam não, porque não. E o nosso país é pródigo nestas decisões, eu como sou às vezes casmurro nos projectos, acho que se gosto e se tem que se fazer, faz-se. Às vezes perde-se algum distanciamento nisto, porque estás tão voltado a concretizar e a querer muito que perdes-te, tens de ter uma cabeça um bocadinho mais distante e quieta para poder olhar de longe. Hoje sou mais ponderado a decidir o que faço. O *Filme da Treta* era para ser uma trilogia, já tínhamos o guião do segundo filme escrito e íamos começar quando se descobriu a doença do António Feio, depois parámos o projecto. Achava que esses filmes iam atrair muito público para as salas, se trazíamos público íamos trazer retorno, dinheiro, atenção sobre as marcas, as empresas iam olhar para nós, o mundo do dinheiro ia estar mais próximo, portanto iria ser mais fácil começar a produzir mais filmes se conseguíssemos atrair muita gente às salas. O *Filme da Treta* na altura fez 300 e tal mil espectadores. Depois percebi que não podíamos continuar e comecei à procura de outro projecto e é quando surge uma proposta para adaptar estas comédias e aquilo foi de acordo a este meu princípio de fazer blockbusters, coisas que atraíssem. As pessoas têm de perder o complexo de quando chegam a um centro comercial escolher o filme americano, esta trilogia foi feliz nisto e correspondeu ao que esperava, que era de facto abanar tudo. Pode ser algo que beneficie todo o cinema português, é o que mais me interessa.

Passámos muito rapidamente pelo *Ballet Rose*. Como é que explicavas às actrizes onde se iam meter?

Na escola espanhola o nu e as cenas de sexo estão mais presentes nos filmes, desde o Bigas Luna, o Vicente Aranda, o sexo estava presente de forma muito forte no cinema que conhecia de Espanha. Era o universo que estava educado para fazer, mas os actores não estavam e então algumas vezes foi complicado, mas foi engraçado porque isto para mim é que são desafios, a mim motiva-me. Criou algumas situações mais complexas porque eu era um bocadinho mais atrevido a fazer algumas cenas que se esperavam que fosse de uma forma *en passant*, e eu parava nessas cenas e dava-lhes atenção. Lembro-me de uma cena, fui eu que a planeei completamente, era a Sofia Alves, a filha da dona da casa das meninas, e ela é alugada a um senhor com quem faz sexo dentro de um carro, essa cena deu a volta ao mundo. A forma como filmei tem um olhar muito do cinema espanhol.

O que é que te levou para este mundo?

A paixão aos 15 anos pelo cinema, em Miranda do Douro. Chegam-te pela televisão, principalmente, a maior janela de comercialização de filmes. O cinema vai-se concretizando à medida que os aparelhos de televisão começam a chegar a casa de todas as pessoas. Como nasci em 69, quando tenho memória já tinha televisão em casa, portanto aquilo que nos anos 60 tinha de se fazer nos cineclubes, nos anos 70 estava toda a gente a consumir em casa e as nossas televisões generalistas, porque não havia concorrência, tinham programação muito boa, tanto nas séries como nos filmes. Os grandes clássicos passavam na televisão, todos, nem sabíamos que estávamos a ver alguns dos melhores cineastas do mundo, fomos educados para ver cinema sem ser no cineclube. Depois chega outra fase interessante, o VHS, que permite que analises o filme e qualquer cidadezinha do interior tinha o vídeoclube.

"ESPANHA ESTÁ SEMPRE À FRENTE, NÃO SÓ NO DIVERTIMENTO COMO NO ENTENDIMENTO DO SEXO, DA LIBERDADE, É UM POVO MUITO EXTROVERTIDO E ABERTO, COM POUCAS BALIZAS PARA SE REFREAREM E PORTANTO EU COMEÇO A SER MUITO FRUTO DISTO, DESTA CULTURA E DESTA EDUCAÇÃO."

Depois eu tinha uma vantagem, tínhamos duas grandes cidades no país, Lisboa e Porto mas quando eu com 17 anos vou para o Porto, a cidade só tinha 13 salas de cinema. Zamora, a 20 minutos de Miranda do Douro, tinha 10 em centros comerciais, salas boas. Para termos noção é a cidade mais pequena de Espanha, com 60/70 mil habitantes. Passados três anos fui estudar para Madrid, que tinha 250 salas, tantas como o nosso país inteiro. Mas acima de tudo em Miranda do Douro tinha acesso à televisão espanhola, que sempre deu uma importância ao cinema muito grande e à cinematografia espanhola. Têm um programa de cinema semanal há 40 anos, que passou a ser o meu telejornal, com aquilo tinha informação, com muita qualidade.

Tiveste uma educação ibérica nesse aspecto.

Tinha aquilo que hoje uma família privilegiada tem, com os canais de cabo, enquanto pessoas de Lisboa não tinham. Era um país mais rico, com uma televisão com um orçamento 10 vezes superior ao da RTP, não estamos a falar do mesmo campeonato, portanto. Cresci com canais bons, programação cultural brutal e comecei a aprender o que eram os cineastas, porque o eram, quando começou o seu percurso, o que é que fizeram, e comecei a saber tudo o que se fazia sobre cinema. Aquilo que as pessoas acham que era isolamento, foi um isolamento muito positivo, qualquer pessoa que conheci depois no Porto, miúdos do litoral, não sabiam 10% do que eu sabia sobre cinema. Tinha ainda a vantagem de comprar revistas de cinema espanholas porque não existiam portuguesas, eles tinham doze, era o país com mais publicações de cinema do mundo. Com 16 anos tinha uma formação de cinema que pouca gente que conheci conseguia acompanhar no discurso ou na conversa, porque não tinham acesso. No Porto às vezes ia à procura de livros de cinema e não os comprava porque eram antigos, já desfasados, eu comprava livros em Espanha muito bons, traduções do melhor que era editado em inglês. O meu lugar de fronteira em Miranda do Douro foi a minha porta aberta para a segunda maior indústria de cinema da Europa.

Porque decidiste regressar a Portugal?

Não decidi, queria ficar em Espanha, o meu pai e os meus tios paternos são espanhóis, tenho uma paixão pelo meu lado de vida espanhol muito grande, eu sou completamente dividido entre português e espanhol e acho que de carácter sou muito mais espanhol do que português. Em adolescente comecei a fazer férias em Espanha, os meus Verões são mais espanhóis do que portugueses e isso quer dizer muita coisa, Espanha está sempre à frente, não só no divertimento como no entendimento do sexo, da liberdade, é um povo muito extrovertido e aberto, com poucas balizas para se refrearem e portanto eu começo a ser muito fruto disto, desta cultura e desta educação. Quando escolho Madrid é para ser um cineasta da movida madrilena, no momento em que Espanha estava na moda, acabo o curso quando está a acontecer a Expo de Sevilha, as Olimpíadas de Barcelona, Madrid capital cultural, a lupa estava sobre Espanha. O Almodóvar estava a começar a destacar-se e a ser candidato a Óscares, onde estava pela primeira vez um cineasta espanhol, estava tudo alinhado e eu quis fazer parte disto. Fui um dos melhores alunos daquela escola, mas comecei a escrever um guião e saiu em português, foi *A Sombra dos Abutres*. Podia ter saído qualquer coisa mas saiu uma história de Trás-os-Montes, e claro, nenhuma produtora espanhola me ia financiar uma história sobre perseguidos políticos do Salazar, da PIDE. Ainda estava naquela fase de que não queria abandonar Madrid e mandei os guiões para produtores em Portugal. Quinze dias depois começaram a responder, foi assim um processo rápido e fácil, as pessoas gostaram muito do guião, e aconteceu.

E hoje estás aqui, a avançar para uma trilogia que pega em clássicos do cinema português.

É um projecto que me propuseram, mas foi engraçado, já me tinham feito esta proposta há uns onze anos, um amigo meu que é produtor, o Nuno. Estávamos de férias no mesmo hotel em Cuba e tornámo-nos amigos por nos conhecermos ali. O Nuno disse "o que gostava de fazer contigo era um clássico do cinema português". Respondi que era uma grande ideia, mas muito difícil de levar a cabo. Primeiro o ICA não financia nenhuma comédia, pode fazer uma por acidente, mas os guiões de comédia são sempre chumbados, no comentário escrevem "é um

"SÓ EM PORTUGAL É QUE GOSTAMOS SEMPRE DE INVENTAR UM NOVO CAMINHO, FAZER DE CONTA QUE É UMA COMÉDIA, DEPOIS É DRAMA, E DEPOIS NEM É UMA COISA NEM OUTRA E NINGUÉM VÊ. COMÉDIA É COMÉDIA, A SUA PRINCIPAL FUNÇÃO NÃO É GANHAR PRÉMIOS, É FAZER RIR. DEPOIS PODE-SE FAZER RIR COM MAIS OU MENOS INTELIGÊNCIA."

projecto sem relevância cultural", era típica essa frase. Durante trinta anos não havia financiamentos para comédia, o João Botelho fez uma coisa que supostamente é no campo da comédia, mas elitista, portanto não teve público. Não tem demérito nenhum, mas só financiavam quando era uma obra autoral, e não é disso que trata a comédia, é uma coisa que nasceu e é popular, é assim em todos os países. Só em Portugal é que gostamos sempre de inventar um novo caminho, fazer de conta que é uma comédia, depois é drama, e depois nem é uma coisa nem outra e ninguém vê. Comédia é comédia, a sua principal função não é ganhar prémios, é fazer rir. Depois pode-se fazer rir com mais ou menos inteligência. A maior parte das pessoas não a consegue fazer, porque é muito difícil. As produtoras gostam delas porque é o género mais transversal, homens, mulheres, crianças, pode dar em qualquer horário, não tem cenas de violência, nem de sexo, o que é melhor para colocar nas televisões, se for bem feita alegra toda a gente, e em Portugal isso não acontecia. Com o *Filme da Treta* provei-lhes que era possível e disseram-me "ah, mas isso já vinha rebocado pelo fenómeno no teatro". Então pronto, desta vez vamos fazer diferente, vamos só inspirar-nos em coisas que foram comédias, clássicos, mas vamos fazer outras. Não é um *remake* directo, só pegámos nos clássicos porque assim tínhamos uma bandeira para dizer às pessoas "isto é comédia popular". Fomos buscar à memoria colectiva um sentimento bom mas depois o risco era tão grande ou maior, ao fazer um filme novo que podia não ter graça nenhuma. Mas afinal não é verdade que os portugueses não gostam de ir ver comédia portuguesa às salas.

Como é que funciona, ainda alguém tem os direitos sobre os filmes, ou é só fazer e pronto?
Há direitos e é preciso gastar algum dinheiro forte. Foi preciso investir para comprar estes textos, muito, se calhar dinheiro que ninguém nunca investiu em Portugal, e isso já era um risco. Os direitos de autor são dos herdeiros, ainda não passaram 70 anos depois da morte dos autores, portanto ainda não são do domínio público.

Porque é que achas que não se tinha feito, é arriscado mexer nesse território sagrado?
Quando decidi fazer isto, as pessoas do cinema diziam-me "isso é uma grande ideia, mas vai ser um risco tremendo". Aliás, se me lembrar do que disse há 10 anos quando o Nuno me falou de fazermos isto, a minha resposta foi a que todos dão. Desta vez percebi outra coisa, já tinha feito testes com marcas e o *Filme da Treta* resultou, não tinha subsídio, portanto percebi que havia um caminho alternativo para as comédias, se o ICA não financiasse havia uma forma de viabilizar o projecto.

Não receaste ser mal recebido?
Receio sempre, mas se tivesse medo tinha de comprar um cão e deixar esta profissão. Tenho medo em todos os filmes que faço. Mas não fico a tremer nem nunca fico nervoso, estreio calmo como se o filme não fosse meu. No dia esqueço, procuro não pensar muito nele porque já não posso fazer nada e normalmente sou a primeira pessoa a descobrir os defeitos.

Mais tarde chegas a ir ver sozinho?
Vou, mas depois esqueço-os. Tenho filmes que não vejo há anos, já tentei, não gosto.

Portanto ainda ninguém se dirigiu a ti indignado por mexeres na frase do Evaristo?

Não, nem se podiam indignar, é um direito artístico. O filme foi um êxito-são, não foi só um êxitosinho, foi talvez o segundo filme mais visto do ano. Toda a gente que percebe de cinema sabe que não há campanha que valha, a partir da primeira semana as pessoas se não gostarem não vão. O filme está há dois meses em sala, só costumam estar duas ou três semanas. A partir da segunda semana o boca-a-boca é que constrói o tamanho do êxito ou o fracasso. Logo na primeira semana entrei num restaurante e disseram "Ó Evaristo, tens cá wi-fi?", portanto percebi que foi ao contrário, do público tive uma receptividade até superior ao que esperava. Testei o filme antes de estrear, mostro a pessoas para perceber e essas reações é que me começam a dar o *feedback* do que poderá acontecer. Estava bastante confiante depois disso, não mostro aos primos, e mais do que a minha opinião, conta é a opinião dos outros. Mostrei para aí a 10, 15 pessoas, e já tive filmes que sabia que não iam correr bem. Sou o primeiro a conhecer os defeitos do filme mas depois quero perceber se são suficientes para prejudicar ou se a maioria não repara neles.

Há um número mínimo de espectadores por semana para um filme sair das salas?

Fica enquanto os donos das salas acharem que estão a ganhar mais dinheiro com ele do que com outro filme que podem lá pôr, é competição directa. Todas as semanas somos inundados com seis, sete estreias, o mercado ficou muito canibalizado, antigamente estreava um filme por semana, por isso é que os filmes saltam à segunda semana, há um excesso de filmes para as salas disponíveis.

E a seguir vais estrear O *Leão da Estrela*. Vais usar imagens reais de futebol, como o original?

Não, é tudo filmado com jogadores e equipas nossas, levámos isto para a liga dos últimos. Ajuda mais à comédia, tem muito mais humor e não cria cisões, não me interessa uma discussão de futebol, norte-sul, para nada.

O teu Leão da Estrela não é do Sporting?

Não, tem dois clubes fictícios da liga dos últimos, um é do Ribatejo, os Leões de Alcochete, que têm o equipamento verde e o outro são os Barrancos do Infernos, com equipamento vermelho, que são do Alentejo profundo. O futebol nesse filme é completamente adjacente, o filme tem comédia pela aldrabice toda para se instalarem naquela casa e isso é que é a história, uma família a mentir a outra, porque não é rica e está a viver à pala da família que lhe deu guarida, o futebol é só o pretexto.

Não foi por medo de críticas do Bruno de Carvalho?

Não, não, não queria era uma guerra norte-sul. Sou do norte, gosto muito do norte, adoro viver nesta cidade de Lisboa, gosto das duas regiões. Não sou um separatista, portanto não quero uma guerra no futebol.

E gostas de futebol?

Não sou fanático, mas gosto, sou benfiquista e já tive camarote no estádio. Mas não sou ferrenho, agora vejo menos, os grandes jogos do Benfica vejo, não sou é de ver qualquer jogo, ou seja, não mudo a minha vida em função do futebol.

> "SOU O PRIMEIRO A CONHECER OS DEFEITOS DO FILME MAS DEPOIS QUERO PERCEBER SE SÃO SUFICIENTES PARA PREJUDICAR OU SE A MAIORIA NÃO REPARA NELES."

Repetes vários actores nestes filmes. É para seguir a lógica dos antigos ou filmaram tudo de seguida e assim fazia mais sentido?

Deu-me jeito, era exatamente o que eles faziam, dava-lhes jeito, contratavam os actores de que gostavam mais, a mim também me deu jeito fazer isso. Quando estava a falar com eles os três filmes estavam escritos, por isso já estava a fazer propostas para os outros, até porque foi melhor a negociação. Optimizei o talento.

E para o ano vem A *Canção de Lisboa*, que já não realizas. Não te custa delegar e depois ficares a pensar "não era nada disto"?

Esse faz o Pedro Varela. Se pensares assim não delegas, não tenho tempo para tantos projectos, tenho mais dois filmes para fazer e foi uma das razões porque não quis fazer os três. Tenho de fazer ainda o *Mulheres*, acabar outro filme e já estou a preparar mais dois projectos.

Vais ter três filmes a estrear em 2016?

Sim. Um provavelmente estará pronto mas não quero estrear.

E onde guardas o filme pronto? Num cofre?

Não, os *masters* são guardados nos armários na minha produtora, os *backups* num estúdio.

Porquê estes três e não O *Costa do Castelo*, O *Pai Tirano* ou O *Grande Elias*?

Porque gostamos muito destes, podiam ser mais, são três, uma trilogia.

E foram os que querias?

Sim, eram estes. Fomos atrás destes, gostamos de mais mas não íamos comprar sete, achámos três um bom projecto. Tivemos quase a perder o *Pátio das Cantigas*, porque tinha a condição de só venderem os direitos se eu realizasse e na altura ainda não tinha a certeza se o iria fazer.

Os dois que realizaste foram em simultâneo?

Fiz os dois seguidos, foi tipo *O Senhor dos Anéis*, com uma rodagem única, tiveram uma semana de descanso entre eles, não fiz a paragem normal de esperar seis meses. Assim economiza-se dinheiro, energias, é completamente controlado, ganhei muito em filmar assim, foi uma boa decisão e nunca se tinha feito cá.

Nos extras vais ter versões alternativas a preto e branco?

Começámos agora a fazer os extras, ainda não sei, está a começar a construir-se, tem de estar pronto para lançar no início de Novembro. Mas não ando a preparar os materiais, depois mostram-me para aprovar.

E com o *Pátio das Cantigas* a ser o filme português mais visto de sempre, com quase 600 mil espectadores, não deixa a fasquia muito alta para os outros dois?

Deixa, mas prefiro esta dor de cabeça, a outra não gostaria dela "olha é fácil, só fez 100 mil espectadores, se conseguir fazer 120 mil ultrapassa". Convivo bem com isto, sei que filme fizemos, vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance e depois deixar o público falar.

E qual é o teu filme português preferido?

Não sou apreciador, nem dos meus nem dos dos outros.

en.freemags.cc

PAULO FUTRE

TODA A SUA VIDA DESPORTIVA VIVEU DIVIDIDO ENTRE OS SEUS 3 AMORES. AGORA FOI POSTO DE NOVO À PROVA. QUAL SERÁ A SUA PREFERÊNCIA?

TEXTO **MARCO ANTÓNIO REIS**
FOTOGRAFIA **MARIA VASCONCELOS**

LISBOA, 21 DE SETEMBRO. O dia quente de final de Verão ia já a meio quando Paulo Futre chega, conforme planeado, ao Alcântara-Café. À sua espera estava uma expressiva *entourage* da Playboy, entre a habitual equipa de produção e toda a redacção da revista (que não resistiu a espreitar a produção mais complexa que até hoje fizemos). A estas duas juntava-se ainda uma equipa de reportagem da SIC, que quis igualmente registar o momento. Futre chega, como é seu hábito, apressado. Ainda assim e em menos de 5 minutos, conquista a simpatia de todos. Os campeões são assim!

Dias antes tinham chegado as suas parceiras de fotografia, as suas três tentações. E que tentações!

Começando pela doce Daria Kolesnikova, que viajou da Tuscania, em Itália, e marcou tudo e todos pela sua imensa simpatia... e beleza. Mas a deslumbrante loira não esteve sozinha.

Ao seu lado a britânica Catherine Elizabeth. De olhos azuis penetrantes e um rosto que parece ter sido desenhado, enfeitiçou todos — Futre incluído — deixando-nos com uma tremenda vontade de visitar Londres. Só não estranhe a presença de muitos venezuelanos quando a tentar visitar... é que Catherine foi capa da Playboy Venezuela no início deste ano.

Finalmente a voluptuosa Iryna Ivanova. De sorriso fácil e trato franco, a bomba de leste conquistou-nos em 2015, depois de ter conquistado o sr. Hefner (vénia!) há alguns anos atrás, quando foi Miss Agosto na Playboy dos EUA.

Em suma, uma selecção de beleza internacional para a derradeira sedução, aquele que foi um dos maiores futebolistas de sempre, por terras lusas. O resultado é o que podem ver nas páginas deste mês... fabuloso!

STYLING **ANA FONTINHA**
CABELOS **WELLINGTON OLIVEIRA**
MAQUILHAGEM **TOM PERDIGÃO**

TEXTO: SCOTT CARNEY
FOTOGRAFIA: JEREMY LIEBMAN

O HOMEM DE GELO

WIM HOF SUBIU O MONTE EVEREST DE CALÇÕES, CONSEGUE SUSTER A RESPIRAÇÃO DURANTE CINCO MINUTOS E CURAR UMA DOENÇA COM A MENTE. AGORA ELE QUER ENSINAR-NOS.

A quinta em ruínas na zona rural polaca range e chia enquanto seis homens hiper-ventilam dentro de um dos seus frígidos quartos. As janelas estão cobertas de gelo e a neve acumula-se no exterior da porta da frente. Wim Hof avalia os seus alunos com uns severos olhos azuis à medida que conta as suas respirações. Eles estão deitados em sacos-cama e tapados com cobertores. Cada respiração que expelem forma uma pequena névoa, como o calor dos seus corpos a cristalizar no ar do Ártico. Quando os estudantes ficam brancos de exaustão, Hof ordena-lhes que expulsem todo o ar dos pulmões e que sustenham a respiração até os seus corpos tremerem.

"Desmaiar é bom", diz ele. "Apenas significa que foram fundo."

Em 2001 Hof fez manchetes pelo mundo inteiro quando tentou subir o Everest usando apenas uns calções de licra e umas botas de caminhada. Correu maratonas descalço no Ártico e submergiu todo o corpo em gelo durante duas horas. Cada feito desafia os limites que a ciência médica diz ser possível. Hof acredita que é muito mais que um duplo a realizar truques, pensa que tropeçou num potencial evolucionário escondido, preso dentro de todos os corpos humanos.

Participantes chegaram de toda a Europa e América para este programa de treino de sete dias, que visa expandir o controlo dos processos involuntários do corpo. O corpo humano executa a maioria das suas funções diárias em piloto automático. Seja na regulação da temperatura interna, a definição do ritmo constante do batimento cardíaco ou a fazer correr linfa e sangue para um ferimento, o corpo, como um computador, usa respostas pré-definidas para a maioria dos estímulos externos. O treino de Hof permite criar uma ponte entre a programação interna do corpo e as pressões externas, a fim de forçar o corpo a ceder o controlo à mente. Como um *hacker*, faz ajustes na programação do corpo para expandir as suas capacidades.

Hof prometeu que conseguia ensinar as pessoas a suster a respiração durante cinco minutos e a manterem-se quentes sem roupa para a neve. Com alguns dias de treino deviam ser capazes de controlar conscientemente o sistema imunitário para lutar contra doenças ou, se necessário, suprimi-lo contra anomalias auto-imunes como a artrite e o lupus.

É uma tarefa difícil de comprovar. O mundo está cheio de suposto gurus proferindo curas milagrosas, e as promessas de Hof parecem sobre-humanas.

O compromisso resulta numa clientela masculina disposta a entrar em guerra com os seus corpos e pagar 2000 dólares pelo privilégio de um programa de uma semana. Do outro lado da sala as mãos de Hans Spaan estão a tremer. Diagnosticado com Parkinson há dez anos, afirma que o método de Hof lhe permitiu reduzir a quantidade de drogas que o seu médico insistia que precisava. Perto dele, Andrew Iescelius, um cidadão do Nebraska cuja asma pode ser incapacitante, não usa o seu inalador há uma semana.

Durante quase uma hora temos vindo a alternar entre a hiperventilação e suster a respiração. A cada repetição era fácil aguentar mais um tempo. Hof diz-nos que a respiração rápida acrescenta reservas de oxigénio ao sangue para que, pelo menos até as usarmos, não termos de depender do ar dos nossos pulmões para sobreviver. O impulso automático de respirar está na programação normal da mente: sem ar nos pulmões significa que é hora de respirar. O sistema nervoso ainda não percebeu que há ar no sangue.

De seguida, Hof ordena outro ciclo de respirações, mas desta vez, em vez de suster a respiração, ele diz para fazerem tantas flexões quanto conseguirem. Agora, sem ar nos pulmões, elas saem uma a seguir à outra, quase sem esforço.

Hof é uma figura difícil de dissecar. Por um lado há uma lengalenga sobre compaixão universal e conexão com energias divinas. Depois, claro, há os resultados. Os seus exercícios relativamente simples fizeram alterações inegáveis e imediatas no corpo dos participantes, que também ganharam confiança e perderam quilos de gordura.

O objectivo no final da semana era concluir uma subida árdua de oito horas por uma montanha coberta de pó, vestindo apenas calções. Vai ser o Everest destes participantes, embora, neste caso, a montanha se chame Snezka. Difícil é perceber se após estas primeiras rotinas na segurança de uma sala de treinos, eles estão prontos para ela.

Nascido na cidade holandesa de Sittard, em 1959, na véspera da revolução *hippie* da Europa, Hof passou os seus primeiros anos no meio de uma família de classe operária de nove filhos. Enquanto o resto da família aprendeu liturgia católica, Wim ficou fascinado com ensinamen-

tos orientais, memorizando as partes do Yoga Sutras de Patanjali e vasculhando a Bhagavad Gita e Zen Budismo para a sabedoria. Ele estava interessado em explorar as ligações entre o corpo e a mente, mas nada do que lia era bem o que estava à procura.

No inverno de 1979, quando tinha apenas 20 anos, estava a andar sozinho numa manhã gelada em Amesterdão, quando reparou numa fina camada de gelo num dos canais. Questionou como se sentiria se saltasse. Com uma impulsividade juvenil que nunca perdeu, despiu-se e mergulhou nu. O choque foi imediato, diz ele, "mas a sensação não era de frio, era algo como um bem tremendo. Estive na água apenas um minuto, mas o tempo abrandou. Pareciam anos." Uma onda de endorfinas navegou no seu sistema, e ele passou a repetir o exercício todos os dias desde então. "O frio é o meu professor", conta ele.

A técnica de respiração surgiu naturalmente. Começou por imitar as respirações rápidas que as pessoas fazem instintivamente quando mergulham em água gelada, que considera semelhantes às de uma mulher durante o parto. Em ambos os casos, o corpo muda para um programa instintivo. Quando Hof mergulhou no gelo, passou da respiração rápida para suster a respiração. Foi quando começou a sentir mudanças no seu corpo.

Segundo explica, os seres humanos devem ter evoluído com uma habilidade inata para resistir aos elementos. Os nossos ancestrais remotos atravessaram montanhas geladas e desertos áridos muito antes de inventarem os calçados mais básicos ou os casacos de peles de animais. Embora a tecnologia nos tenha ajudado a ficar mais confortáveis, a biologia subjacente ainda está lá, e a chave para desbloquear os nossos potenciais escondidos está em recriar os tipos de experiências duras que os nossos antepassados teriam enfrentado.

Hof treinou por conta própria na obscuridade durante 15 anos, raramente falando sobre as suas habilidades em crescimento. O seu primeiro aluno foi o seu filho Enahm. Quando Enahm ainda era pequenino, Hof levou-o aos canais e molhou-o como Aquiles. Embora ninguém consiga adivinhar o que os pedestres nas proximidades podem ter pensado desta visão, a maioria dos seus amigos levou as suas rotinas matinais como apenas mais uma excentricidade numa cidade já excêntrica.

Hof fazia biscates, incluindo trabalhar como carteiro, e ser instrutor de canoagem em Espanha durante os verões. O dinheiro era sempre um problema, e a sua esposa, uma linda mulher do País Basco, chamada Olaya, começou a mostrar sinais de um transtorno mental grave. Ela estava deprimida e ouvia vozes. Em Julho de 1995 saltou do oitavo andar do prédio dos seus pais em Pamplona, no primeiro dia da corrida de touros.

Sentado numa mesa de madeira feita à mão que serve de refeitório no seu quartel-general polaco, Hof narra a morte de Olaya, enquanto as lágrimas rolam livremente pelo seu rosto. "Por que iria Deus levar a minha esposa?", pergunta. Confrontado com a perda e um coração partido, colocou toda a sua fé na única coisa que o distinguia de todos os outros: a sua capacidade de controlar o corpo. Olaya nunca tinha mostrado interesse nos métodos de Hof, mas ele sentiu que poderia ter feito mais para a ajudar. "A inclinação que agora tenho para treinar pessoas é por causa da morte da minha esposa", diz Hof. "Posso trazê-las de volta à tranquilidade. Esquizofrenia e distúrbios de dupla personalidade retiram energia às pessoas. O meu método pode dar-lhes de volta o controlo." Mas ele ainda precisava de uma forma de se apresentar ao mundo.

A sua oportunidade surgiu alguns anos mais tarde. Enquanto o inverno se estabelecia em Amesterdão, um jornal local publicou uma série de artigos sobre coisas estranhas que as pessoas faziam na neve. Hof contactou o editor e explicou que nos últimos 20 anos ele tem ido nadar nu na água gelada. O jornal enviou um repórter, e Hof saltou para um lago próximo que frequentava. Na semana seguinte, uma equipa de televisão apareceu.

Num segmento famoso, Hof cortou um buraco no gelo e saltou enquanto uma equipa de notícias holandesa filmava. Ele estava a secar-se quando, a poucos metros de distância, um homem pisou um pedaço fino de gelo e caiu. Hof correu para o lago, saltou uma segunda vez e arrastou o homem para um sítio seguro. A equipa de reportagem gravou o episódio, e rapidamente Hof passou de uma esquisitice a um herói local. Alguém o apelidou de Homem de Gelo, e o nome pegou.

Após esse ato de heroísmo, Hof tornou-se um nome familiar por toda a Holanda. Um programa de televisão pediu a Hof para executar as suas habilidades para a câmara, estabelecendo um recorde do Guinness: nadar 50 metros abaixo do gelo do Ártico, sem respirar. Seria diversão sensacionalista, mas o programa iria para o ar em toda a Escandinávia e iria dar a Hof a oportunidade de fazer habilidades para outros canais de todo o mundo.

Algumas semanas mais tarde Hof estava na superfície de um lago gelado perto da pequena aldeia de Pello, Finlândia, vestindo apenas um fato de banho. Apesar da temperatura de 11 graus negativos, a sua pele brilhava com o suor. Por baixo dele, um buraco em forma de diamante abriu um metro através do gelo. Havia dois outros buracos a 25 e a 50 metros do primeiro. A equipa de filmagem observou enquanto Hof desceu e mergulhou o dedo do pé nas águas geladas.

No primeiro dia de filmagens ele deveria nadar apenas até ao primeiro buraco para que a equipa conseguisse as imagens certas e se sentisse confortável com os procedimentos de segurança. Mas Hof tinha outros planos. Queria impressionar toda a gente, fazendo a distância completa de uma só vez. Tinha feito os seus cálculos com antecedência. Por impulso fazia um metro, portanto precisaria de fazer 50 para chegar ao seu destino. Enfiando uma bola gigante de ar nos seus pulmões, Hof desapareceu e começou a sua corrida.

Ao impulso 29, já depois de passar a equipa de resgate e a segurança do primeiro buraco, algo correu mal. Hof abriu os olhos e viu um feixe de luz solar a atravessar a água. Mas não tinha previsto o que a água fria faria aos seus olhos. As suas córneas começaram a congelar, e a cristalização tornou a sua visão turva. Cinco impulsos mais tarde estava cego, apenas com a contagem do número de impulsos a poder conduzi-lo até ao oxigénio. Rapidamente ficou fora de rota. Aos 50 impulsos tentou agarrar-se, em vão, à borda do segundo buraco. Virou-se para trás, pensando que talvez tivesse passado o buraco. Queria respirar, mas sabia que o resultado seria fatal. Aos 65 impulsos a sua esperança começou a desaparecer. Setenta impulsos, e mesmo quando começava a perder a consciência, sentiu uma mão em torno do seu tornozelo. Um mergulhador da equipa de resgate arrastou-o para a superfície. Sabia que quase tinha morrido e que sua arrogância o tinha levado a isso. Apesar de ter sido por um triz, no dia seguinte ele iria estabelecer um recorde mundial, com as câmaras a gravar.

O programa foi um sucesso e garantiu-lhe uma série de acrobacias semelhantes em canais internacionais desde o Discovery à National Geographic. Mas o sucesso teve um preço. Embora fosse capaz de feitos incríveis, o desejo

de impressionar e agradar às pessoas em seu redor iria novamente levá-lo a situações quase fatais. Se morresse, o mundo poderia nunca entender como ele tinha conseguido os seus resultados. Hof precisava de um plano melhor.

Decidiu fazer a sua sede na Polônia, para que pudesse estar perto de riachos de gelo, montanhas cobertas de neve e também tirar proveito da economia mais fraca para comprar um espaço maior.

Hof é dono de uma fazenda isolada, na pequena aldeia de Przesieka. Pôde comprá-la depois de assinar um acordo de patrocínio com a Columbia Sportswear para figurar numa linha de casacos aquecidos por bateria, em 2011. Nos anúncios publicitários, que foram criados para TV, mas prosperaram na Internet, Hof nada num lago congelado, enquanto dá olhares para os homens que andam na rua com este equipamento de alta tecnologia, para se aquecerem com o toque de um botão. Os vídeos tornaram-se virais, e os comentadores comparavam Hof com Chuck Norris, uma espécie de macho alfa das celebridades da Internet. Mas as condições da casa confirmam que a popularidade online não significa necessariamente riqueza. O espaço é um permanente trabalho em andamento, com uma variedade de beliches e esteiras de ioga. A sauna aguarda por substituição. O forno de carvão não funciona muito bem e vomita fumo negro através de fendas nas tábuas do assoalho. A maioria dos pisos não parecem nivelados.

O edifício em ruínas é a sede para a crescente presença global de Hof e o primeiro nível para os regimes de treino experimentais que ele está a desenvolver. Um dos primeiros alunos de Hof na casa, Justin Rosales, hoje com 25 anos, voou para aqui da Pensilvânia em 2010 para servir como cobaia. "Se queremos tornar-nos fortes, apaixonados e motivados, temos de assumir tarefas aparentemente impossíveis. Sem uma mente aberta, o frio nunca vai ser seu amigo". Ele escreveu um livro com Hof sobre a experiência, chamado *Becoming the Iceman*, que é muitas vezes passado entre os devotos interessados em cultivar super-poderes. Andrew Lescelius, o homem magro e asmático que chegou do Nebraska há uma semana, atravessa um campo cheio de neve, que serve como principal local de treinos, apenas com umas cuecas pretas vestidas, parando para apanhar punhados de neve e esfregá-los nos seus braços e peito. Vapor emerge do seu corpo, em grandes nuvens.

No estúdio de ioga, Hof explica que cada programa de treino que dá é diferente, o método varia de acordo com a constituição do grupo. Mas não importa como começa, os blocos de construção são simples e o progresso será rápido. "Nesta semana, vamos ganhar a guerra contra as bactérias!", exclama, antes de avisar que iria desafiar tudo o que pensam sobre os limites do corpo.

A certa altura Hof diz ao grupo para tirar a roupa e ir para a rua. Saíram da quinta para um pequeno campo com neve frequentado por veados e os olhares curiosos dos vizinhos. A maioria das pessoas da região pensa que ele é louco.

O objectivo é simplesmente suportar o frio. Cinco minutos é insuportável, mas Hof deixa-os ficar durante seis antes de os enviar para a sauna. Mas com os membros dormentes, passar de gelo para uma sala com 40 graus é uma loucura. A reação natural do corpo ao frio é auto-preservação. Para manter o núcleo quente, os músculos que controlam as artérias apertam firmemente e restringem o fluxo de sangue apenas a áreas vitais num processo conhecido como vasoconstrição. É por isso que a congelação começa nas extremidades. A mudança súbita para o calor tem o efeito oposto. As veias "abrem" repentinamente e enviam sangue quente para correr nas áreas frias. A dor é ainda pior do que quando estavam em pé na neve.

Lescelius conta que um efeito colateral da asma é má circulação, e a sensação de vasoconstrição é ainda mais dolorosa. "Mas gosto de pensar nisto como levantamento de pesos para o sistema circulatório", diz ele. Hof faz uma declaração: depois de anos a expor-se ao frio,

"A MÁQUINA FICOU CONFUSA, PORQUE ELE NÃO INSPIRAVA HÁ MAIS DE DOIS MINUTOS E A SUA FREQUÊNCIA CARDÍACA DE REPOUSO ERA DE APENAS 35 BATIMENTOS POR MINUTO."

pode conscientemente restringir o fluxo de sangue no seu corpo e efectivamente enviá-lo para qualquer parte que queira.

Embora o primeiro dia de exercícios seja doloroso e desgastante, fiel à palavra de Hof, o progresso é rápido. No dia seguinte ficaram na neve por 15 minutos antes do mesmo sentimento de pânico se fazer sentir. Na parte da tarde deram um breve mergulho no fundo de uma cascata gelada. É uma experiência não muito diferente de andar através de um leito de brasas quentes, mas com gelo. A cada tentativa, as barreiras que construímos nas nossas cabeças sobre o frio parecem ficar para trás.

Ao quarto dia, ficar em pé na neve é apenas um desafio. Uma hora passa mais rápido do que cinco minutos há uns dias atrás. À noite, sentam-se sobre rochas cobertas de neve num riacho até que as mesmas fiquem quentes, enquanto Hof sorri para eles.

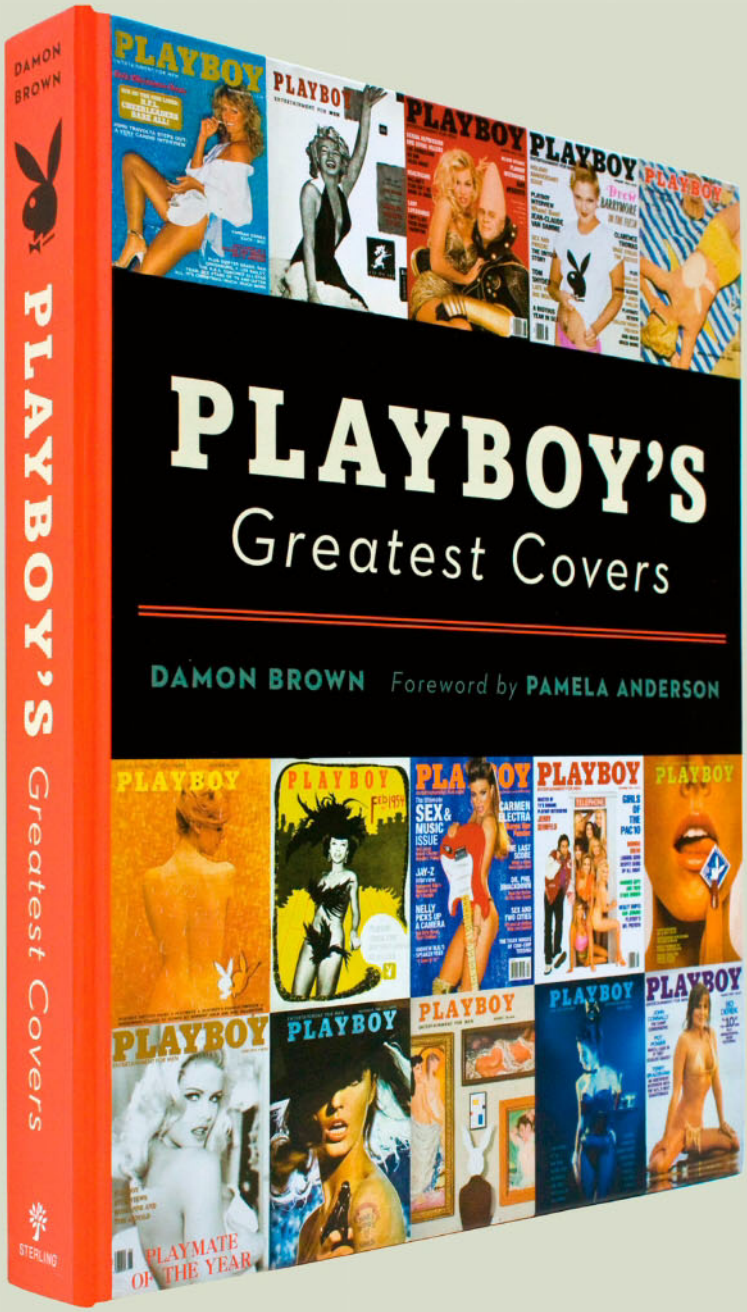
O que sabemos sobre como o corpo humano reage ao frio vem principalmente de estudos horríveis que emergiram do campo de extermínio de Dachau. Nazis rastreavam as temperaturas dos corpos dos prisioneiros judeus enquanto eles morriam na água gelada. Esses estudos moralmente comprometidos ajudaram os médicos a entender o quão rápido o corpo perde calor em tais condições. Sentados em água a 0 graus, os seres humanos começam a sentir-se fracos depois de apenas um ou dois minutos. Aos 15 minutos a maioria das pessoas ficava inconsciente. E morrem entre os 15 e 45 minutos. Quando a temperatura corporal cai abaixo de 28 graus, a morte é quase inevitável. Avaliando por esse conjunto de dados, Hof parece fazer milagres.

Em 2007, no Instituto Feinstein, em Long Island, Kenneth Kamler, um médico que já trabalhou no Everest, observou uma experiência na qual Hof estava imerso em gelo e ligado a monitores para observar o coração e o sangue. A primeira experiência atingiu um grande obstáculo. Os usuais dispositivos hospitalares que controlam a respiração declararam-no morto depois de estar no gelo apenas dois minutos. A máquina ficou confusa, porque ele não inspirava há mais de dois minutos e a sua frequência cardíaca de repouso era de apenas 35 batimentos por minuto. Ele não estava morto, porém, Kamler teve que desligar o dispositivo para continuar. Hof esteve no gelo durante 72 minutos. Os resultados foram surpreendentes. A temperatura corporal de Hof inicialmente desceu alguns graus, mas depois ressuscitou. Foi a primeira validação científica do método de Hof. Tornava-se claro que Hof poderia afetar conscientemente o seu sistema nervoso para aumentar a sua temperatura corporal. "A maneira como o explicas depende do tipo de filosofia em que queres acreditar", diz Kamler, que faz referência a proezas semelhantes chamadas TUMMO realizadas por monges tibetanos. Em última análise, diz ele, tudo se resume a como Hof usa o cérebro. "O cérebro utiliza uma grande quantidade de energia em funções superiores que não são essenciais para a sobrevivência. Ao focar a sua mente, ele pode canalizar essa energia para gerar calor corporal", especula.

O interesse entre os cientistas cresceu em 2008, tal como tinha acontecido nos media anos antes. Na universidade de Maastricht pesquisadores questionaram se as habilidades de Hof resultavam de uma elevada concentração de tecido adiposo rico em mitocôndrias, também conhecido como gordura castanha. Esta pequeno tecido pode aquecer rapidamente o corpo quando metabolizado, é o que permite que os bebés não sucumbam ao frio nos seus primeiros momentos. Normalmente esta gordura desaparece, principalmente no início da infância, mas os biólogos evolucionários acreditam que os primeiros seres humanos podem ter tido elevadas concentrações dela para resistir a ambientes extremos. Os cientistas aprenderam que Hof, hoje com 55 anos, teve concentrações extremamente elevadas, suficien-

PLAYBOY'S

GREATEST COVERS



For nearly 60 years, Playboy Magazine has made a splash with its mind-blowing covers. Now, for the first time, there is a book dedicated to this American icon.

Featuring hundreds of color photographs and behind-the-scenes outtakes from cover shoots.

Foreword by Pamela Anderson, text by Damon Brown. Sterling Publishing.

310 pages. 9" by 11." $35 ($42 in Canada).

Go to amazon.com to order.

te para produzir cinco vezes mais energia do que uma pessoa de 20 anos, provavelmente porque se expunha ao frio repetidamente.

A gordura castanha pode ser a estrutura orgânica que separa os seres humanos do mundo natural. A gordura branca armazena energia calórica a partir dos alimentos, que o corpo tende a queimar apenas em último recurso. Na verdade, é difícil queimar o pneu da cintura porque o corpo está programado para armazenar energia: vai queimar músculo antes de usar gordura branca para criar calor ou energia. Já com a gordura castanha é diferente. A maioria das pessoas cria-a automaticamente quando está em ambientes frios, o corpo detecta extremos físicos e começa a armazenar mitocôndrias. Segundo a descrição de Hof, quando a gordura castanha é ativada, a mitocôndria entra na corrente sanguínea e metaboliza a gordura branca directamente para gerar calor. Mas como a maioria das pessoas faz tudo o que pode para evitar expôr-se a ambientes extremos, nunca produziram gordura castanha. Se vivêssemos sem roupa, como os nossos ancestrais distantes, teríamos de depender das propriedades internas da gordura castanha para nos conseguirmos manter vivos.

A questão é como é que alguém ativa a gordura castanha conscientemente. Em vez de explicar, Hof tenta demonstrar. Contrai os músculos em sequência, do seu reto até aos ombros, como se levantasse algo a partir de baixo. Em seguida, franze a testa e contrai o pescoço, como se prendesse essa energia num ponto que diz ser atrás da orelha. O processo transforma a sua pele num vermelho brilhante, parece estar a pegar fogo. De repente cai contra a parede e suspira. "Ó meu Deus", diz ele, atordoado. Na sua ânsia de ensinar, não contou com o calor da sauna. Cambaleia para a rua e rebola na neve lá fora. Volta com um sorriso envergonhado. "É assim que se faz. Mas experimentem apenas no frio."

Peter Pickkers é o último cientista que ficou intrigado pelas bizarras afirmações de Hof. Um especialista em sepsia e infecção, na Universidade de Radboud Medical Center, na Holanda, ele realiza estudos que analisam respostas do sistema imunológico em humanos. Em 2010 Hof contactou Pickkers, e disse-lhe que poderia suprimir ou ativar o seu sistema imunológico à vontade. A façanha é, por definição, quase impossível. Mas Pickkers, que tinha observado a subida da carreira de Hof na TV, estava curioso.

Concebeu um teste no qual administrou uma endotoxina, um componente da bactéria E. coli que o corpo pensa que é perigosa, mas na realidade é inerte. Um pioneiro ensaio anterior de Pickkers mostrou que 99 por cento das pessoas saudáveis que entram em contacto com a endotoxina reagem como se tivessem gripe antes do corpo perceber que foi enganado e voltar ao normal.

Enquanto Hof meditava, Pickkers injetou-lhe a endotoxina. Os resultados foram inéditos. "Wim fez coisas que não teria pensado que eram possíveis", disse Pickkers. Considerando que quase todas a pessoas que foram injectadas com a endotoxina tiveram efeitos colaterais graves, Hof não tinha nada além de uma pequena dor de cabeça. Exames ao sangue mostraram que ele tinha níveis muito mais elevados de cortisol (uma hormona normalmente libertada apenas em alturas de grande stress, mais ou menos como a adrenalina).

Hof é claro sobre o que pensa dos resultados: "Se consigo mostrar que posso afetar conscientemente o meu sistema imunológico, teremos de reescrever todos os livros de medicina." Mas Pickkers e grande parte do resto da comunidade científica são mais reservados. Embora os resultados mostrem uma resposta sem precedentes à endotoxina, não há nenhuma prova de que Hof não seja apenas uma anomalia genética. No entanto, os resultados foram suficientemente promissores para Pickkers e o seu colega Matthijs Kox organizarem um segundo estudo, desta vez com Hof a comandar um grupo de estudantes universitários durante o seu curso básico para aprenderem a técnica dele

"WIM HOF PLANEIA VOLTAR A TENTAR SUBIR AO CUME DO MONTE EVEREST EM BREVE. SERÁ A SUA SEGUNDA VEZ DEPOIS DE UMA TENTATIVA, ABORTADA, QUASE NU."

antes de o injectarem com a endotoxina. Se a sua técnica se revelar ensinável, o chão pode começar a mexer-se sob os pés de Pickkers.

Em Abril de 2013, 12 estudantes voaram para a Polónia. Pickkers e Kox mantiveram o silêncio sobre os resultados, mas emitiram um comunicado de imprensa a dizer "os homens treinados produzem menos proteínas inflamatórias e sofreram muito menos de sintomas de gripe." Hof ficou exuberante. Diz que os seus alunos são capazes de dominar convulsões e responder à febre em 15 minutos.

Resta falar sobre o desafio final do curso, a esgotante caminhada em tronco nu para subir a montanha Snezka. Fica na fronteira com a República Checa e é atingida por ventos gelados ao longo dos meses de Inverno. No seu cume, a 1600 metros de altitude, fica um solitário observatório que registra os movimentos das estrelas. É frequentado principalmente por esquiadores corajosos que lá chegam de teleférico. Começando na base da montanha, Hof e quatro discípulos começam a árdua subida. Segundos depois de saltarem da apertada e degradada carrinha Volkswagen de Hof, o frio corta como se fosse uma faca, através dos casacos de inverno.

Hof leva-os por um trilho e passados dez minutos, depois dos corpos terem tempo para construir algum calor interno, começam a descascar por camadas. Nus no frio, escondem as roupas numa mochila e continuam a subida.

O calor construído através do esforço parece ter ficado na pele, como se estivessem a usar um fato molhado. Conseguem sentir a picada de frio na pele, mas estão concentrados no ponto atrás das orelhas que Hof disse que iria ajudar a activar a gordura castanha e enviar ondas de calor pelo corpo. Com os músculos contraídos e mente focada, não demorou muito até começarem a suar. Uma névoa fina cheia de vapor paira em cima do grupo. Um esquiador pára para tirar fotos. Um patrulheiro numa mota de neve abranda para ver se estão bem. Um *snowboarder* solta um grito chocado e passa a acelerar pelo grupo. Juntos, arrastam-se para a frente até ao cume.

Há um paralelismo com andar num leito de brasas. A temperatura é subserviente à tarefa que têm pela frente. Seis horas mais tarde, estão a chegar ao cume, sem camisa e com as pernas cobertas de neve. Com sete dias de treino, os discípulos sentem-se perfeitamente quentes, a escaldar mesmo.

A caminhada leva mais de sete horas, e cada passo para cima deixa-os mais expostos do que antes. A temperatura cai para 25 graus negativos. A cerca de 90 metros do tímido cume, algo muda. O vento intensificou-se e a inclinação ficou mais íngreme. Cada passo era mais difícil do que o anterior, ao fim de sete horas de subida. Vinte minutos mais tarde chegam ao cume. Depois de tirarem algumas fotografias, entram no observatório para aquecer.

Assim como entrar na sauna depois de ficar no gelo, o ar quente embate neles e sentem frio. A armadura mental foi derrubada e o gelo entra na corrente sanguínea. Começam a confiar no ambiente, em vez de na mente e ficam a tremer. Passa uma hora até que se sintam prontos para descer a montanha. Desta vez, porém, com os casacos que trouxeram nas mochilas.

Wim Hof planeia voltar a tentar subir ao cume do Monte Everest em breve. Será a sua segunda vez depois de uma tentativa, abortada, quase nu. O que aconteceria se ele finalmente encontrasse os seus limites nessa escalada e se juntasse às centenas que morreram na montanha? Será que a sua mensagem se perderia no tempo? As modestas lições que tem sido capaz de dar ao seu rebanho não significam nada se ele morrer de uma maneira que a maioria das pessoas consideraria tola? O seu rosto escurece com estes pensamentos, que o deixaram quase a chorar. "Eu não devo morrer", diz ele. "Foi o que decidi."

Sim, desejo receber a revista PLAYBOY

Assinale o método de pagamento desejado:

☐ Envio o cheque da minha assinatura à ordem de Black Rabbit, Lda.
Cheque nº:_____

☐ Efectuei o pagamento do valor através de transferência bancária para o NIB 0035 0001 0003 7535 6303 6, enviando juntamente com este cupão o comprovativo de pagamento.

Preencha e envie num envelope para: Black Rabbit, Lda | Departamento de Assinaturas | Rua Maria Luísa Holstein 15, Sala 16, 1300-149 Lisboa
Caso deseje subscrever pela internet, envie o comprovativo e os campos abaixo indicados, em texto simples para o e-mail geral@playboy.pt

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Telefone _____ Telemóvel _____ Fax _____

Nº. Contribuinte _____

Preço e promoção válidos apenas para Portugal Continental e Ilhas. Os dados que lhe foram pedidos serão incorporados num ficheiro autorizado cujo título é a Black Rabbit, Lda e destinam-se à gestão da sua assinatura. Em conformidade com a lei, o assinante tem o direito a, em qualquer altura, aceder, rectificar, cancelar e opôr-se aos dados que figurem na base de dados acima mencionada. A Black Rabbit, Lda poderá utilizar os dados fornecidos para facilitar-lhe informação comercial própria ou de empresas terceiras que possa ser do seu interesse. No caso de não desejar receber informações comerciais adicionais, por favor assinale aqui. ☐ Caso se oponha à cedência dos seus dados a entidades terceiras, por favor assinale aqui. ☐

www.playboy.pt facebook.com/PlayboyPortugal

GUIA PARA UMA NOITE ECLÉTICA

COM RUI SINEL DE CORDES

NA **PLAYBOY** GOSTAMOS DE DAR AOS LEITORES TODO O TIPO DE DICAS PARA UMA VIDA DIVERTIDA. POR ISSO CRIÁMOS UM SOFISTICADO GUIA PARA UMA NOITE ECLÉTICA. E QUEM MELHOR, PARA PRIMEIRO MESTRE DE CERIMÓNIA, QUE RUI SINEL DE CORDES?

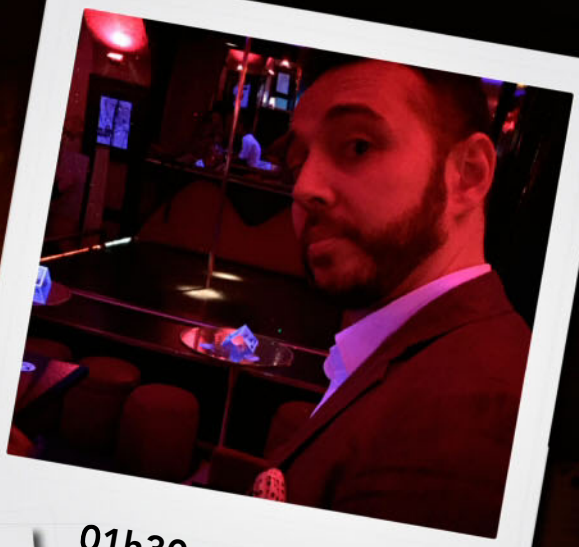
22h00 - 100 Maneiras

1. Local perfeito para cocktails de início de noite. Sei que não é másculo beber de copos com chapéus, mas o local tem um quarto para onde podemos ir com uma gaja que sacámos ao balcão. Compensa.

00h30 - SILK

2. É bom ir ao Silk por três motivos: ambiente, mulheres bonitas e poder meter uma foto no Insta a informar que estamos no Silk.

3. Tem de ser no Cais. Se é para ser deprimente, vamos a fundo. Resulta especialmente bem se estiver no grupo um primo de Mangualde.



01h30 - Striptease

02h30 - Urban Beach

4. Ir ao Urban com namorada é o mesmo que um vegetariano ir a um talho: tudo o que vê não pode comer e acaba por passar por maricas. Deixo ao vosso critério.

5. O último local, o local de sempre. Até porque às vezes, o fim de noite no Lux é apenas o principio de um dia ainda melhor.

03h30 - LUX

FERNANDO ALVIM CONFORTA

É VERDADE QUE O NOME DE FAMÍLIA DESDE LOGO NOS REMETE A ISSO, MAS QUANDO AVISTAMOS ANDREIA VALE, NÃO É SÓ EM VALES QUE PENSAMOS. É EM SEARAS DE TRIGO RELUZENTE, É EM CAMPOS IMENSOS COLORIDOS PELAS FLORES, É EM BANHOS LIVRES EM CACHOEIRAS ESCONSAS DA AMÉRICA LATINA. ANDREIA VALE É TUDO ISTO E NUMA ENTREVISTA A HORAS TARDIAS, EXPLICA PORQUÊ.

Então acordada a estas horas Andreia Vale?
O Alvim não me deixa dormir.
Mas que mentira (que fique aqui registado). Bem, antes que adormeças vamos à primeira questão: Se fosses homem por um dia, que coisas gostarias de fazer?
Já sou um bocadinho homem... E tenho quase a certeza que já fui homem noutra encarnação.
Porque achas isso?
Porque tenho algumas "cenas de gajo". Um jeito meio abrutalhado e *bossy*, apesar do meu ar de pessoa doce. Pensando em coisas concretas, por exemplo, tenho uma caixa de ferramentas melhor do que a de muitos homens.
Espera, qual a ferramenta mais estranha que podemos encontrar na tua caixa?
Um "furador"... É assim uma espécie de chave de parafusos mas para fazer furos em superfícies de madeira, por exemplo... Sinceramente nem sei se se chama assim nem como veio parar à minha caixa... Mas já me tem acontecido contratar aqueles serviços para montar coisas ou fazer pequenos arranjos (para os quais não tenho paciência de fazer eu própria) e dizerem "ah bolas, esqueci-me de não sei quê no carro" e eu dizer "deixe estar que eu tenho ali". Num caso concreto foi um busca-pólos.

Muito bem, qual a tua opinião que notas ser mais polémica?
Que os homens são todos iguais. E como as casas de banho: ou estão ocupados ou não prestam.
Mas se são todos iguais, porque é que vocês escolhem tanto?
Há poucos dias uma amiga ofereceu-me um postal que diz, em alemão: "Esqueçam o príncipe, eu quero um unicórnio". *[risos]*
O que achas que dizem os meus olhos?
Os olhos do Alvim dizem que ele dorme pouco. Os da Andreia dizem que ela não pode sair à rua sem óculos de sol. São verdes e muito sensíveis à luz do dia.
Qual foi a última coisa que experimentaste pela 1ª vez?
Percebes. Tenho aliás um historial que muito me envergonha: foi preciso chegar aos trinta anos para provar figos pela primeira vez e aos 36 para provar Nutella.
E a última?
A última coisa que experimentei pela última vez foram as In. "Nunca mais volto a experimentar". *[risos]* Experimentei fazer crepes. Não tenho jeito. Sou a vergonha das doceiras da minha família. Mas safei-me com o bolo de anos do meu filho mais novo. Impecável. Se quiseres dou-te a receita: bolo de cenoura com cobertura de chocolate.
Que bebida culpas pela tua última bebedeira?
Vinho branco, poncha, gin e tequila. Tudo na mesma noite.
Não tens medo de dormir sozinha? Não te sentes mais segura com um homem?
Adoro dormir sozinha. Se me sinto mais segura com um homem ao lado? Só se estiver numa situação de perigo evidente ou que obrigue a um esforço físico muito exigente. De resto eu dou conta da maior parte dos recados.
Algum episódio de valentia?
Nada que me lembre assim de repente, mas sempre andei sozinha à noite em qualquer lado, faço cara feia quando passo por alguma pessoa ou grupo mais intimidante.
Qual a tua expressão idiomática preferida?
Obviamente que é puxar a brasa à minha sardinha.
Para quando um livro sobre expressões idiomáticas que tenham pelo menos um palavrão?
Eu bem queria que este que escrevi tivesse um capítulo

ANDREIA VALE

bolinha vermelha mas não me deixaram, merda.

Podes revelar-nos alguns dos nomes queridos que os teus namorados te chamavam e que lhe chamavas a eles?

Os normais: bebé, baby, babe, amor, querida... mas odeio "amorzinho".

Qual dirias ser o primeiro passo ideal para se curar um desgosto de amor?

Pensar imediatamente que dali a uns meses te vais rir das figuras ridículas que fizeste e do que choraste e lamentaste. Porque é precisamente o que vai acontecer. Embora haja feridas que ficam para sempre. Uma amiga tem uma expressão que adoptei: há pessoas que são os nossos Bin Laden...

Qual o caminho mais curto para o coração duma mulher?

Se responder "pelas mãos" dá azo a uma interpretação dúbia, não dá? *[risos]* Não queres elaborar esta pergunta?

Tu respondes pelas mãos e eu pergunto-te, "Pelas mãos? como assim?" (e aqui tu explicas com sensatez e candura).

Pelas mãos: escrever sem erros, não roer as unhas, saber conduzir bem, cozinhar, dobrar um carrinho de bebé em menos de um minuto e jogar bem raquetes de praia.

Qual foi o livro/disco que mais pena tiveste de perder com o final duma relação?

Não devia ser importante nem me está a fazer falta, porque não me lembro.

Tens alguma superstição antes de entrar em directo?

Não propriamente uma superstição mas uma mania: ir cedo e levar uma caneta. Não imprimo os alinhamentos porque acho um desperdício de papel. Prefiro improvisar ou socorrer-me do computador.

Qual é o teu palavrão preferido?

Lá está... digo muitos palavrões, é a minha veia masculina. Mas não posso partilhar essa informação com os estimados leitores.

O amor existe mesmo ou é apenas um boato?

O amor é um facto.

en.freemags.cc

ONZE MUNDIAL

ELEGEMOS UM 4-3-3 COM AQUELES QUE CONSIDERÁMOS EXTRAORDINÁRIOS ENTRE OS MELHORES ESTRANGEIROS QUE DEIXARAM A SUA MARCA NOS RELVADOS PORTUGUESES. ESPERAMOS QUE GOSTE, INFELIZMENTE NÃO DISPOMOS DE LIVRO DE RECLAMAÇÕES.

BÉLA GUTTMANN

1958–59 E 1973 FC PORTO,
1959–62 E 1965-66 BENFICA

Guiou o Benfica à vitória em duas Taças dos Campeões Europeus, no início dos anos sessenta. E quase que podíamos ficar por aqui, pois mais nenhum treinador forasteiro conseguiu levar um clube português à glória internacional. Otto Glória conseguiu superá-lo em termos de campeonatos nacionais, cinco contra os três do húngaro, mas apesar desse record estar nas mãos do brasileiro, campeonatos há muitos e vitórias na Europa nem tantas. Das vitórias internas, a primeira foi ao serviço do FC Porto, onde chegou vindo do São Paulo. Daí mudou-se para a Luz, conseguindo um tri-campeonato a nível pessoal, repartido entre os dois rivais. Hoje tem uma estátua no Estádio do SL Benfica.

PREUD'HOMME

1994-99 BENFICA

Tinha 35 anos quando chegou ao Benfica, depois de ter brilhado no Mundial de 94 e de toda a carreira passada na Bélgica, num tempo em que os lugares de estrangeiro eram limitados e nem todos os clubes estavam dispostos a utilizar um na posição de guarda-redes. Mas com esta qualidade sem dúvida que valia a pena, pois Michel foi das melhores coisas que aconteceram ao Benfica naqueles cinco anos, em que salvou muito golo certo e levantou uma Taça de Portugal.

BRANCO
1988-91 FC PORTO

As 72 internacionalizações e 9 golos pelo Brasil certificam logo à partida a qualidade deste lateral-esquerdo, campeão do mundo em 1994, que se destacava pelo pontapé forte. Em terras lusitanas conquistou um campeonato e uma Supertaça, antes de partir para o Génova e deixar saudades.

ALOÍSIO
1990-2001 FC PORTO

Campeão do mundo sub-20, o central brasileiro chegou às Antas depois de duas épocas no Barcelona, onde ajudou a vencer uma Taça das Taças. Marcou uma era na defesa azul e branca, vencendo sete campeonatos e outras tantas Taças de Portugal, em onze épocas, retirando-se com 474 jogos de dragão ao peito.

RICARDO GOMES
1988-91 E 1995-96
BENFICA

Formou duplas com outros craques brasileiros, como Mozer, que também poderia figurar nesta equipa, ou Aldair, que após um ano de encarnado se assumiu como patrão da defesa da Roma. Venceu a Copa América durante a primeira passagem pela Luz, regressando após quatro épocas no PSG. Numa palavra, classe.

MAXI PEREIRA
2007-15 BENFICA
2015-? FC PORTO

Chegou à Luz com o compatriota Cristián Rodriguez e muitos anos depois seguiu-lhe as pisadas até ao norte. Mas as semelhanças ficam por aqui, pois a entrega, raça e qualidade do lateral, 107 vezes internacional pelo Uruguai, tornaram-no numa figura que guardaremos na memória colectiva nacional.

LUCHO GONZÁLEZ

2005-09 E 2011-14
FC PORTO

É sinónimo de títulos. Foi campeão em todas as seis épocas completas que disputou ao serviço dos dragões, só falhando a última, quando partiu em Janeiro. Pelo meio esteve em Marselha e aos 34 anos ainda ajuda a liderar o meio-campo do River Plate, com quem venceu a última Taça dos Libertadores da América.

BALAKOV

1990-95 SPORTING

Um dos mais geniais futebolistas que equiparam de verde e branco, marcou 60 golos durante as cinco épocas em que encantou Alvalade. Apesar de ter algum talento a seu lado, como um jovem Luís Figo, apenas conseguiu ajudar a conquistar uma Taça de Portugal, no ano em que viria a partir para Estugarda.

VALDO

1988-91 E 1995-97
BENFICA

Chegou com o colega de selecção Ricardo Gomes, com ele saiu para o PSG e juntos haveriam também de regressar à Luz. A primeira passagem teve mais sucesso, com dois campeonatos e uma final da Taça dos Campeões, perdida frente ao Milan. Quando regressou a velocidade era menor, mas o perfume mantinha-se.

Record

MADJER

1985-87 E 1988-91
FC PORTO

Chegou da segunda divisão francesa e era internacional argelino, mas assim que se impôs logo se percebeu que tinha magia nos pés, até mesmo no célebre calcanhar que em Viena ajudou o Porto a levantar a Taça dos Campeões Europeus. Entre as duas passagens por cá teve uma breve estadia em Valência, mas voltou ao local onde era feliz.

Record

JARDEL

1996-2000 FC PORTO
2001-03 SPORTING
2006-07 BEIRA-MAR

Foi tricampeão nos dragões e conquistou a Bota de Ouro Europeia, feito que viria a repetir no Sporting, quando chegou aos 42 golos no ano da dobradinha. Faltou-lhe jogar num dos campeonatos de topo e impôr-se na selecção brasileira, onde apenas marcou um golo em dez jogos, mas o que é certo é que enquanto cá esteve dominou.

YAZALDE

1971-75 SPORTING

Além de Jardel, é o único estrangeiro a conquistar a Bota de Ouro ao serviço de um clube português, e logo com a terceira melhor marca de sempre, os 46 golos que marcou em 1974, só superados até hoje por Messi e Cristiano Ronaldo. Na época seguinte voltou a marcar 30 na liga, o que o levou até Marselha, onde ficou até voltar à Argentina.

FOTOGRAFIA **PAULO SIMÕES**

CLÁUDIA CECÍLIO

QUANDO TEMOS UMA MANSÃO À DISPOSIÇÃO E UMA MULHER COMO ESTA AO NOSSO LADO, O DIA SÓ TEM UM DEFEITO: AS HORAS PASSAM COMO SE FOSSEM SEGUNDOS...

Cláudia Cecílio foi capa da nossa edição digital de Verão, de onde seleccionámos estas fotos. Versão integral disponível em pt.zinio.com

Yashica·635

STYLING **ANA FONTINHA**
CABELOS & MAQUILHAGEM **MAGDA CASQUEIRO**
ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA **CARLOS COSTA**

Odin

FICÇÃO DE TED COHEN

LATHAM SÓ TINHA UM AMIGO NO MUNDO. E AGORA ESTÁ MORTO.

Normalmente não atendo o telefone quando estou a fazer *upload* de uma fotografia da minha pila na Internet, mas era a Jess, e ela tinha levado o Zack para fora do Estado.
"Fala", digo eu.
"Porque é que atendes o telefone assim?"
"Estás a ligar principalmente para questionares a minha etiqueta ao telefone? É que eu conheço imensas mulheres que podem fazê-lo e ainda as posso foder."
"O Odin morreu."
Vi a foto a aparecer, barra por barra: o peito com as sombras dos peitorais, a tensa saliência da barriga posicionada de forma inconfundível e finalmente a própria da pila, o despertar do restante da mesma, trágico soco no estômago em forma afunilada, como um símbolo da Nike entre umas bolas rosa irritadas por uma lâmina.
Apaga meu. A-pa-ga porra.
"Latham?"
"Quando?"
"Não tenho a certeza. Ele estava a dormir esta manhã quando o JP saiu para trabalhar, e quando chegou a casa o Frank estava a ladrar como um louco e conduziu-o ao nosso quarto..."
O nosso quarto.
"...e ele estava debaixo da cama."
"Já disseste ao Zack?"
"Não. A Betsy e eu levamos os miúdos à Legoland hoje, e ele estava tão feliz. Vou fazê-lo amanhã."
Betsy era amiga de Jess desde o secundário. Ela tinha discursado no nosso casamento e depois foi a arquitecta do meu falecimento. Ela vive em San Diego com o Mike e os filhos numa rua que acaba no oceano, a fazer festas aos grãos de areia da América.
"O JP está à tua espera em casa."
"Estou lá em dez minutos."
E depois, em vez de desligar, "posso dizer olá ao Zack?"
Pausa. "Okay."
Ouvi os seus passos a entrar na outra sala, depois ouvi-o aos saltos por todo o lado com Harlam e Juno, a rir sem discernimento, e esqueci-me por momentos que ela não me ligou por simpatia, e muito menos por decência, mas porque o tribunal o ordenou.
"Pai..."
"Olá amigo..."
"Harlam ensinou o Juno a pescar peixes com cana!"
Depois a única coisa que ouvi foi um iPhone a cair na carpete, seguido de mais sons bruscos de alegria a afastarem-se.
Passado um minuto Jess apanhou o telefone do chão.
"Desculpa, eu trouxe-lhe uma coisa para o Natal e ele viu-me a tirá-la da mala."
Como sempre, estava fora do meu alcance antes de eu próprio saber que tinha palavras para lhe dizer.
"Porque é que estás sempre a tentar virá-lo contra mim?"
"Eu não sei, Latham", diz ela. "Acho que estás a fazer um excelente trabalho sozinho nesse aspecto."

Jess e eu conhecemo-nos em Baltimore durante a nossa especialização em cardiologia na universidade, onde ambos tínhamos conversas de merda e mandávamos foder a gordura. Íamos fumar para a rua com os técnicos de emergência médica e embebedar-nos na *happy hour* com as enfermeiras. A maioria dos outros alunos – os chineses magricelas que cresceram em subúrbios com nomes de parques de escritórios e que sonhavam em tornar-se dermatologistas, ou pediatras, ou pilotos de motas de corrida, assim como o rapaz judaico que ainda não recebeu o memorando para ir para Wall Street – deram-lhes um grande berço de ouro.
Os nossos pacientes eram drogados e refugiados de guerra. Nas raras noites em que eles não levavam uma facada ou eram violados, atravessavam janelas com os pulsos ou corriam imprudentemente contra arame farpado, para conseguirem uma cama.
Levei-a a Crisfield, onde cresci, na ponta da baía de Chesapeake. Dormimos na velha cama de solteiro da minha avó, todos os nossos 180 Kg. Conduzimos pela cidade, comprámos cerveja e tabaco e andamos a navegar nas águas rasas, sem carta, como o

tio Malcolm me tinha ensinado. Quando o barco da polícia passou, escondemo-nos de joelhos nas canas da baía e quando se foram embora, a Jess mamou-me enquanto as garças olhavam aborrecidas. Os meus pais mantiveram-se infelizes e distantes durante todo o fim-de-semana, curiosos sobre a parte inteligente de mim – a parte que cultivei por mim mesmo, em segredo, com receio de que se eles descobrissem iriam eliminá-la – e o que eu teria levado para casa. Nós éramos tão exóticos para eles como pessoas negras ou felicidade.

Malcolm era o irmão da minha mãe e, além de mim, o único que saiu. Foi tirar um doutoramento em poesia, acho eu. Ele tinha uma cara longa e arruinada e vinha sempre de um lugar diferente, Burlington ou Amherst ou New London, algumas cidades universitárias com praças públicas, onde um velho homem podia sair com modelos e punks, comprar-lhes cervejas e mais tarde tentar chupar-lhes as pilas e repetir tudo no dia a seguir. Quando eu era criança, ele aparecia todos os anos na altura do Natal e esticava um saco preto do lixo no chão. Ali haveria bálsamo labial, tubos de meias, desodorizante roll-on, isqueiros descartáveis, e às vezes, rolos de moedas pretas.

"Se o presidente quiser um hambúrguer de peixe", disse ele, "é bom que lhe arranjes um. Aquele bastardo estiloso tem muito poder!"

"Não acreditas em mim? Vai até ao Ritz e pergunta ao bartender branco. Ele vai-se lembrar. Fui eu que lhe tirei o cigarro e o pus no prato de manteiga do Bob Lowell!"

E muitas vezes havia uma canção: "Curso! Curso! Estou a tirar um curso! / Em histologia comparativa! / Micróbios a dançar e micróbios a cantar / Mas os macrófagos comem tudo!"

Até uma criança de 6 anos pode notar a verdadeira alegria de pessoas movidas por álcool, mas era raro alguém fazer qualquer barulho em casa no resto do ano, por isso aproveitei o que consegui.

E ele tinha sempre uma coisa especial para mim no carro: um papagaio de plástico, um trenó, ou uma faca para fazer figuras na madeira que o charco suavizou ou qualquer coisa de rádios. A última vez foi uma espingarda Marlin a estrear.

Mesmo quando as nuvens já estavam cor-de-rosa, ele levou-me ao bosque e ensinou-me como se carregava e a fazer pontaria. Eu disparei na terra e parti alguns ramos de árvores, o meu ombro ardia do peso.

"Agora com um alvo real", diz ele.

Ele encontrou uma árvore nova que era aproximadamente da sua altura, depois tirou o casaco e enfiou um ramo espigado através de cada manga do casaco, parecia que a árvore estava a segurar os braços sobre a cabeça em sinal de rendição. Depois, enquanto ele assobiou, fiz buraco atrás de buraco no seu casaco, o fumo subia como o vapor.

Quando fiquei sem munições, ele deu um passo atrás e olhou para o que eu tinha feito. Lágrimas e ranho desceram-lhe pela cara, do frio, espero, embora eu não estivesse a tentar parecer muito duro.

Dezembro chegou e eu estava no bosque quando um vento forte se fez sentir. Olhei para cima para ver o que restava das folhas amarelas a abanar nas árvores altas.

A minha mãe estava na cozinha.

"Onde está o tio Malcolm?", perguntei-lhe.

"Não sei," disse ela. "Indianapolis?"

Jess veio viver comigo no início de Junho, mesmo antes do nosso último ano na especialização. Eu tinha uma casa estruturalmente instável no centro de Carroll County que ela fez o seu melhor para humanizar. Um trio de galos apareceu no balcão da cozinha um dia, um pequeno caixote do lixo na casa de banho noutro. Suportes para velas. Cinzeiros de vidro. Frigideiras com fundo de cobre penduradas em arabescos de ferro fundido. Truques contra a tendência das coisas queimarem ou agarrarem ou outra maneira de virarem merda.

Cães não estão na lista de prioridades de todos. Um dia, estávamos a conduzir para casa depois do pequeno-almoço e vimos um cartaz de papelão ao lado da caixa de correio, no fim da entrada da casa de alguém.

CACHORROS BULLDOG, dizia.

Uma personagem numas calças de ganga rasgadas e com uma t-shirt de St. Barts abriu-nos a porta e guiou-nos até à cozinha, onde cinco deles estavam cegamente a treinar enfermagem num boneco do monstro das bolachas.

"Onde está a mãe?", pergunta a Jess.

"Não sei", o gajo encolheu os ombros. "Foi assim que eles vieram." Reparei desde o início que ele estava a usar batom. Jess sentou-se no chão e levantou os cães um por um. Em menos de um minuto eles tinham-lhe cheirado a vagina e adormecido em monte em cima dela. Eu tenho uma fotografia disso no meu telefone antigo, onde quer que ele esteja. Do momento em que ela olhou para cima à procura da minha cara.

"EM MENOS DE UM MINUTO ELES TINHAM-LHE CHEIRADO A VAGINA E ADORMECIDO EM MONTE EM CIMA DELA. EU TENHO UMA FOTOGRAFIA DISSO NO MEU TELEFONE ANTIGO, ONDE QUER QUE ELE ESTEJA."

Levamos dois. Porque é aquilo que fazes quando ainda estás naquela altura em que achas que podes controlar a solidão de alguém, animal ou outro. Eles vão fazer companhia um ao outro, pensamos nós. Eles vão falar à cão.

Então, foi assim que aconteceu naquele Verão: eu e a Jess e o Odin e o Frank no meio de estilhaços, a fazer listas no convés. A ler. Transformando em pó os cinzeiros de vidro. Os cães são frouxos e lentos como o leite derramado. As barrigas deles bronzeavam ao sol enquanto eu rodava a planta do pé no clitóris da Jess rodando para baixo e levantando como se fosse um pedal até que ela me puxe para a cama para acabar o serviço.

E depois, uma noite ao regressar, pedi-a em casamento. Odin, despertado pelo barulho, saltou-me para cima e lambeu-me as bolas.

Agora.

Agora, agora, agora.

Começa rapidamente a ficar muito claro que eu e o casamento não vamos ficar na mesma página.

Eu acho que isto foi quando a Jess decidiu ficar magra. Não houve qualquer conversa em relação a isso. Eu simplesmente entrei um dia e encontrei uma passadeira na sala de jantar.

"É para nós os dois," diz ela.

"Ya, ok", disse eu.
Ela estava na passadeira a toda a hora. Mais e mais dela a ser descartada, até que só sobrasse a passadeira e os cigarros.
E depois apenas a passadeira.
Eu ia levar o Odin e o Frank a passear e ouvia o *zump zump zump* através da janela aberta.
A parte esperta de mim lutou muito, mas como sempre, provou não corresponder ao resto.
Estou a ser traído por uma máquina, pensei.
Ela já está a fugir.
E os cães agachavam-se e cagavam, a olhar para mim com o afeto a nu.
Na noite do nosso casamento fumei crack com os músicos no hotel, e depois, aparentemente, disse à mãe da Jess sobre a altura em que agrafei uma cara partida porque iria levar meia hora a coser apropriadamente. Na pista de dança fui ter com o seu irmão e lambi-lhe os óculos.
Nessa noite, na cama, Jess tentou falar comigo.
"Como queiras", disse eu. "Gostava mais de ti quando eras gorda."
Havia dois consultórios de cardiologia decentes em Memphis e ambos tinham vagas, então mudámos para lá. Comprámos uma casa numas construções novas e um grande terreno a sudeste de Oxford, Mississippi para eu passear os cães. Jess chamou-lhe o terreno do duque fodilhão do pântano.
Eu andava com uma enfermeira que tinha um dom para a fraude de receitas. Com um Percocet descobri que conseguia ver pacientes e fazer conversa fiada. Com dois, conseguia ter as avós que arrasam com a loja de presentes do hospital, nas suas camisas de férias, a lutar para me levar a almoçar.
Iria até à cafetaria, escolher costeletas, frango, batata doce, ervilhas, pudim de milho, peixe gato, sushi frito, quiabo, esparguete à bolonhesa e tarte. Pequenos copos plissados de molho inundavam a minha bandeja.
Um dia havia uma senhora nova atrás da mesa dos quentes. Ela devia ter uns 60 anos e era quase o dobro de mim.
"Tu pareces-te com alguém", disse ela. "Paula? Com quem é que ele se parece?"
Quando ela se mexeu eu vi a torção no seu quadril. Displasia.
"Eu não sei."
"Claro que sabes. É aquele do outro filme."
"*Alta Pedrada*? Tu achas que ele é parecido com o James Franco?"
"Não, não é esse. O outro."
"O Rogen?"
"Não também não é esse."
"Não há mais ninguém nesse filme, Teesha."
"Vá lá, tu sabes de quem eu estou a falar."
"Já disse o que tinha a dizer."
"No do Jamie Foxx! Ele está naquele do Jamie Foxx sobre o presidente."
"Channing Tatum?"
"É esse!" Ela pôs uma colher de gelado de paté de queijo picante no meu prato. "És mesmo parecido com o Channing Tatum."
Algo se torceu dentro de mim.
Podia jurar que tinha sido a parte esperta, imprudente, sem conseguir florescer.
Na minha próxima folga guiei até ao terreno e soltei os cães. Depois de algumas horas de caça encontrei um ramo queimado com um braço de espessura e cerca de 2 metros de comprimento. Arrastei-o para a carrinha e levei-o para casa.
Durante o próximo mês ou assim eu iria tirar o ramo da carrinha, entre paciência e cortes feitos com a faca que o meu tio Malcolm me tinha dado há tantos anos atrás. A madeira era suave e escorregadia, e eu tinha de parar de minuto a minuto para secar o suor das mãos. Até houve uma vez que passei a faca mesmo pela ponta do meu polegar e tive de o voltar a coser.
Quando já tinha uma bengala em condições, forrei-a num pedaço verde de feltro e levei-a para a cafetaria.
Ela não estava lá.
"Onde está a Teesha?"
"Não soube? Ela aceitou um trabalho em West Memphis. Próximo dos netos."
Atravessei as paredes frias e depois o átrio da entrada e continuei a andar até encontrar a saída pelo parque de estacionamento dos auxiliares, aí desembrulhei a bengala e bati no asfalto com ela até o punho saltar e ir parar longe. Quando chegou o descanso, lá estava a cara do tamanho de um punho de Channing Tatum, rendido às cinzas brancas, a olhar para o sol duro de Memphis.
Na última noite, parei na casa da enfermeira em Orange Mound depois do trabalho. Ela fez-me duas bebidas e depois, enquanto a estava a comer, enfiou-me um comprimido para as dores no cu.

"PAREI NA CASA DA ENFERMEIRA EM ORANGE MOUND DEPOIS DO TRABALHO. ELA FEZ-ME DUAS BEBIDAS E DEPOIS, ENQUANTO A ESTAVA A COMER, ENFIOU-ME UM COMPRIMIDO PARA AS DORES NO CU."

Cheguei a casa duas horas atrasado para o jantar que tínhamos com uns colegas da Jess. Eu tinha pensado em grelhar salmão, mas a Jess deixou-o queimar e toda a gente teve de o comer, num silêncio de morte. Quando entrei, eles estavam a beber uma vodka vermelha enquanto se divertiam com um jogo que uma das esposas tinha trazido.
Deitei-me no sofá e pus a minha cabeça no colo da Jess.
"Ok", disse uma das esposas, toda bêbeda e tagarela, "esta é uma palavra, três sílabas. É uma pessoa que é muito preocupada, muito ansiosa com as coisas..."
"Será cona?", disse eu.
"Latham", disse a Jess.
"A última sílaba é um tipo de crescimento, acho que é viral, como um inchaço que podes ter."
"É um punho no rabo? São bombons de chocolate?"
"Porque estás a responder como se isto fosse o Preço Certo?", pergunta um dos médicos, tentando controlar a situação.
"Isto não é o Preço Certo."
"O que foi, a tua mãe fodeu macacos com sida?"
Tive os papéis do divórcio antes de saber que ela estava grá-

vida do Zack. Ela ficou com a casa, o dinheiro, os cães e a maior parte do miúdo. Fiquei com o terreno e com o direito de enterrar os cães nele.

JP foi viver com a Jess quando o Zack tinha dois anos. Ele intitulava-se de arménio, mas foi criado em Paris pela sua mãe, rica, imunda e viciada em comprimidos e pelo seu segundo marido, um famoso psiquiatra que odiava crianças. JP era gentil, meigo, fazia muitas perguntas e mantinha o contacto visual mais tempo do que o necessário. Eu já soube como ele acabou em Memphis mas já me esqueci.

Quando fui à casa ele estava na estrada ao lado da sua carrinha Volvo dos anos 90, que estava cheia de tapetes orientais que vendia para ganhar a vida, as suas pontas irregulares estavam esborrachadas contra o vidro de trás.

"Sinto muito", diz ele e dá-me um grande abraço, pressionando a barriga contra a minha e a barba no meu pescoço.

"Diz-me a verdade", disse eu. "Andas a mexer na pilinha do meu filho durante a noite?"

Ele abanou a cabeça. "Vá lá. Vou mostrar-te onde ele está."

Um grande impulso de ar quente, com o seu imperceptível cheiro reciclado de mim próprio, encontrou-se comigo na porta.

E em seguida, os tapetes.

JP cobriu o chão com tapetes em camadas sobrepostas, rosas cor-de-rosa e douradas interrompidas por passarinhos prateados e suásticas de azul do céu e bonecas com corações cor-de-laranja e luas e mãos e pontos brancos de luz, como um espetáculo de fogo-de-artifício em que o atrasado do técnico pressiona várias vezes o botão cedo de mais, lançando um, e outro e mais outro, antes do anterior passar a fumo.

Eu desejava ter feito mais uma tentativa.

Ou talvez uma a menos.

Quando chegamos ao quarto, JP pôs uma mão no meu ombro. "Eu tentei tirá-lo sozinho mas ele está preso. Talvez se eu levantar, tu podes puxar?"

Caí de quatro. A barriga do Odin estava distendida com o *rigor mortis* e estava entalado contra o estrado da cama. Quando o JP levantou a cama, eu agarrei nas quatro patas e puxei tanto quanto conseguia. Ele saiu todo cortado, o seu pelo vinha com as fibras do tapete.

Ele estava maior do que da última vez que o vi. Pequenos cabelos brancos tinham começado a aparecer nos seus olhos e nos lábios pretos. Mas o mais evidente era o rijo que ele estava. A barriga arrozada. As invisíveis amarras nas patas. Até as bochechas pareciam congeladas no lugar.

JP saiu por uns minutos e voltou com um dos tapetes.

"Este era o seu preferido. Eu estava a medi-lo um dia e ele subiu para cima dele, e foi assim. É para sempre do Odin."

"Não faças isso."

Ele encolheu os ombros. "Isto aconteceu."

Nós enrolámo-lo no tapete e pusemos tudo na carrinha, e depois de fumar voltei a casa para mijar e lavar as mãos. Quando tirei uma das toalhas vi uma mancha seca de Zack atrás da toalha na parede. O que é? Sangue? Ranho? Merda?

Fechei os meus olhos.

Mais fogos de artifício fodidos.

Padrão sufocado e tudo misturado, cores violadas e substituídas.

No tempo em que estávamos no lado mais longe de Oxford, eu podia dizer que o JP estava a esforçar-se para criar uma empatia.

"Então Latham", disse ele. Ele sempre foi muito sério em tratar as pessoas pelo nome. "Como estás?"

"Bem, Jean-Pierre", disse eu. "Como estás tu?"

"Ainda andas com a Sharonda?"

"Não é educado responder a uma pergunta com outra pergunta."

"A sério? Estamos mesmo a fazer isto?"

"Sim. Aparentemente estamos."

"Posso perguntar-te uma coisa?"

"Não."

"Tu odeias mesmo tudo assim tanto?"

"Não. Eu adoro que na maioria das casas de banho públicas eles tenham posto um caixote do lixo junto à porta, assim podes abri-la com um papel e deitá-lo fora no caixote. Eu acho isto realmente fantástico."

"Tu sabes, ambos queremos ajudar-te a ter os teus privilégios de volta. Até a Jess."

"E vir-me. Adoro vir-me. Essa merda nunca passa de moda."

Ele suspirou. "As pessoas vão deixar de tentar muito em breve."

"Deus, eu realmente espero que sim."

Quando nos metemos na estrada já era quase meia-noite. Estacionei e carregámos o rolo de tapete através de um vale estreito, era mais um buraco na realidade, até um lugar plano por baixo de um grande cedro vermelho onde o Odin e o Frank gostavam de dormir a sesta.

A lua estava alta e luminosa, por isso desligámos as nossas lanternas e pegámos nas pás, para cavar no terreno rochoso. Alguns minutos depois JP parou para embrulhar as suas pouco utilizadas mãos numa gaze do kit de primeiros socorros e para falar da paisagem, do sul profundo e dessa beleza em específico. O profundo cantarolar com pronúncia francesa da sua voz a correr como um ribeiro invisível.

Uma hora mais tarde, quando tínhamos um buraco, desembrulhámos o Odin para olhar mais uma vez para ele na luz fria. Não consegui fazê-lo. Não podia pô-lo no chão assim, na sua cama permanente.

Por isso esperei. Mandei o JP para Memphis na carrinha e sentei-me junto ao corpo do Odin durante três dias, afastando as moscas, os corvos, os necrófagos. Vendo o relaxamento, o ceder, e a calma dele, lentamente a voltar. Vendo-o a aliviar-se da morte.

Observá-lo a voltar ao seu corpo.

Enterrei-o.

Depois caminhei pela estrada até encontrar uma cabine telefónica e tentei pensar a quem é que eu podia ligar para me levar para casa.

"'SINTO MUITO', DIZ ELE E DÁ-ME UM GRANDE ABRAÇO, PRESSIONANDO A BARRIGA CONTRA A MINHA E A BARBA NO MEU PESCOÇO. 'DIZ-ME A VERDADE', DISSE. 'ANDAS A MEXER NA PILINHA DO MEU FILHO DURANTE A NOITE?'"

GUIA PARA AS ELEIÇÕES

OS SETE EXTREMISTAS A QUEM NÃO CONFIAVAS O TEU BOLETIM DE VOTO

O voto é secreto. Muitos dizem que é pelo direito à escolha independente e evitar pressão sobre o eleitor, eu acho que é para o libertar da vergonha de ter votado no José Manuel Coelho em 2011. No entanto, há quem não se esconda e prefira assumir as suas convicções. De forma a todos podermos evitar a companhia desta gente, fiquem com os sete extremistas mais perigosos.

POR RUI SINEL DE CORDES

O JOTA LARANJA

Como identificar: É contra as drogas, a não ser que não as tenha de pagar. É muito conservador em relação à homossexualidade, o que chateia, principalmente o namorado.
Pontos fortes: Não tem nojo dos vendedores de Feira.
Pontos fracos: A memória do Cavaco.
Eleições de sonho: Passos Coelho ganha as Legislativas de 2015.
Quem ressuscitava se pudesse: Sá Carneiro.
Eleitores-alvo: Todos os portugueses que possuam umas calças Caqui.
Frase que está sempre a repetir: "Presidente?! Presidente! Está a ouvir, Dr. Aníbal? Adormeceu outra vez?! Checa-me lá outra vez a respiração do velho, ó Jaime."
Frase que nunca lhe deves dizer: "Se juntarmos os dois submarinos dá para fazer um TGV."

O ESQUERDALHO

Como identificar: Pelo cheiro.
Pontos fortes: Tem sempre mortalhas.
Pontos fracos: Nunca tem roupa para ir a baptizados.
Eleições de sonho: O caixão de Álvaro Cunhal defronta Cavaco Silva e ganha.
Quem ressuscitava se pudesse: Sá Carneiro, para o poder ver morrer outra vez.
Eleitores-alvo: Okupas e aquela malta que ainda usa t-shirts do Che.
Frase que está sempre a repetir: "Isto não é uma cassete, é a realidade do povo."
Frase que nunca lhe deves dizer: "Isso não é a realidade do povo, é uma cassete."

O ROSINHA

Como identificar: É capaz de tudo, menos fazer cartazes eleitorais.
Pontos fortes: São fortíssimos a negociar no Freeport.
Pontos fracos: Não sabe lidar com inundações.
Eleições de sonho: Guterres contra Sócrates contra Jorge Sampaio.
Quem ressuscitava se pudesse: Salvador Allende e Mário Soares.
Eleitores-alvo: Pessoas com memória curta e fabricantes de pastinhas.
Frase que está sempre a repetir: "Confia em mim" – enquanto cruza os dedos atrás das costas.
Frase que nunca lhe deves dizer: "Já foste visitar o Sócrates?"

O ABSTENCIONISTA

Como identificar: Não é preciso, ele diz.
Pontos fortes: Está-se completamente a cagar para a política.
Pontos fracos: Está-se completamente a cagar para a política.
Eleições de sonho: 15 de Agosto, sem trânsito na ponte 25 Abril.
Quem ressuscitava se pudesse: A candidatura do Manuel João Vieira.
Eleitores-alvo: Não sabe / Não responde.
Frase que está sempre a repetir: "Votar para quê? É tudo a mesma merda, eles querem é poleiro!" – seguido de um gole numa imperial.
Frase que nunca lhe deves dizer: "Se não votas, não tens moral para falar".

O MONÁRQUICO

Como identificar: Usa sempre blazer azul com pocket square. Canta o fado, mas insiste que é só um hobbie. Tem uma foto no Facebook a segurar um postal do Rei Juan Carlos.
Pontos fortes: Sabe de cor todas as ganadarias do Ribatejo.
Pontos fracos: Ainda acha que o melhor meio de comunicação é o pombo.
Eleições de sonho: A meio do dia de eleições, reaparece o Dom Sebastião.
Quem ressuscitava se pudesse: D. Afonso Henriques e D. Duarte Pio.
Eleitores-alvo: Palermas.
Frase que está sempre a repetir: "Isto era muito melhor com o D. Duarte como rei!"
Frase que nunca lhe deves dizer: "Rei? Mas tu tens que idade?"

A GOSTOSA QUE ACHA QUE É PRECISO AGIR

Como identificar: Numa sala cheia, é a pessoa que tem menos roupa.
Pontos fortes: As mamas.
Pontos fracos: Daqui a uns meses, já não tem.
Eleições de sonho: No dia das eleições, aparece um vírus em Portugal que faz com que todos os portugueses percam a noção da realidade por 24 horas.
Quem ressuscitava se pudesse: A carreira da Bo Derek.
Eleitores-alvo: Rebarbados.
Frase que está sempre a repetir: "Está aqui imenso calor, não está?"
Frase que nunca lhe deves dizer: "Isso não é defender as mulheres, é só mais uma capa da GINA".

O RACIST... PERDÃO, O RENOVADOR

Como identificar: Dá para te veres ao espelho na cabeça deles. São os únicos homens em Portugal a usar pêra sem ser de forma irónica.
Pontos fortes: Cartazes no Marquês de Pombal.
Pontos fracos: Os Gato Fedorento.
Eleições de sonho: Saem as primeiras sondagens finais, que indicam que África explodiu.
Quem ressuscitava se pudesse: Hitler, Mussolini, Salazar e o Black Skin do Vai Tudo Abaixo.
Eleitores-alvo: Pessoas que tenham acabado de ser assaltadas na Damaia.
Frase que está sempre a repetir: "Eu não sou racista, mas..."
Frase que nunca lhe deves dizer: "Como é que reagias se a tua filha tivesse um filho preto?"

JANET QUIST

Foi Playmate do mês em Dezembro de 1978, fotografada por Ken Marcus, depois de ter despertado as atenções quando participou num concurso que a revista promoveu no ano anterior. Além da carreira de modelo, esta produção ainda lhe abriu as portas para a participação no filme *Outlaw Blues*, rodado em Austin, cidade natal desta texana.

PIADAS DA PLAYBOY

Envie as suas para o e-mail geral@playboy.pt

UM JORNALISTA perguntou a cem pessoas no chuveiro qual é o seu shampoo preferido. A resposta mais frequente foi "como é que você entrou aqui?".

NA UNIVERSIDADE, uma professora lembrou os alunos que tinham um exame no dia seguinte. "Não vou aceitar qualquer desculpa para que não estejam presentes, a menos que fiquem doentes ou se morrer alguém na vossa família mais próxima. Mas é apenas isso, mais nada!". Um espertalhão que estava sentado no fundo da sala levanta o braço e faz uma pergunta. "Exaustão sexual pode ser considerada uma doença?". Toda a turma se desmanchou a rir. Quando a sala de aula acalmou, a professora sorriu e respondeu "Infelizmente não. Se isso acontecer, vais ter que escrever com a outra mão."

UM MARIDO regressa a casa mais cedo e encontra a esposa na cama com outro homem. "O que é que estás a fazer?", gritou ele. "Vês, eu não te disse que ele era burro?", responde a mulher.

NUM SUPERMERCADO, um homem aproximou-se de uma mulher com peito avantajado. "Perdi a minha namorada", disse ele. "Poderia ficar aqui comigo a conversar um bocado?". "Claro", respondeu ela. "Mas não percebo em que é que isso poderá ajudar". "Bem", diz o homem, "é que sempre que começo a falar com uma mulher com mamas grandes, como as suas, a minha namorada aparece sempre não sei bem de onde".

UM HOMEM É CONVIDADO por um amigo para ir jantar a sua casa, onde reparou que ele antecedia todas as frases que

dirigia à mulher com termos carinhosos, chamando-lhe querida, fofinha, docinho e por aí fora. O homem ficou impressionado com isto, ainda por cima porque o casal em questão estava junto há mais de cinquenta anos. Enquanto a mulher estava na cozinha, o homem dirigiu-se ao amigo. "Acho que é maravilhoso que ao fim destes anos todos ainda utilizes estes nomes carinhosos para te dirigires à tua mulher". O amigo encolheu os ombros, baixou a voz e disse "Para te dizer a verdade, já há uns dez anos que não me consigo lembrar do nome dela".

"DOUTOR, BEIJE-ME POR FAVOR", pediu a paciente. "Não", respondeu o médico. "És uma mulher muito bela, mas vai contra o meu código de ética". "Por favor", suplicou ela. "Só um beijo". "Desculpa, mas está completamente fora de questão", disse o médico. "Eu nem te devia estar a foder".

UMA MORENA, uma loura e uma ruiva estavam na sala de espera do obstetra. Começaram na conversa para passar o tempo e a morena disse: "Vou ter um rapaz. Tenho a certeza porque estava por cima". Ao que a ruiva respondeu: "A minha é uma menina. Sei porque fiquei por baixo". Ao ouvir isto, a loura desmancha-se em lágrimas. "Acho que vou ter cãezinhos", disse ela, soluçando.

GOACHI

lovers stimulance

www.goachi.com

NADA É MAIS IMPORTANTE QUE A FAMÍLIA

TOM HARDY TOM HARDY

LENDAS DO CRIME

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS INFAMES GÉMEOS KRAY

"TOM HARDY É SURPREENDENTE NUMA PODEROSA DUPLA INTERPRETAÇÃO"

★★★★

DAN JOLIN *EMPIRE*

★★★★ *HEAT*

★★★★★ *SUNDAY EXPRESS*

★★★★ *TIME OUT*

STUDIOCANAL WORKING TITLE

28 DE OUTUBRO NOS CINEMAS

ACE amazon NOS